

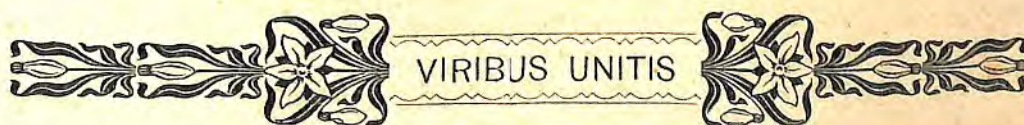
A LAVOURA

BOLETIM

DA

SOCIEDADE NACIONAL

de Agricultura



Rio de Janeiro

BRASIL

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE DEZEMBRO DE 1897

Endereço postal:

Caixa n. 1.245

Sede: Rua da Alfandega n. 105

CAPITAL FEDERAL

DIRECTORIA

Presidente — DR. WENCESLÃO ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO.

1º Vice-presidente — DR. JOÃO BAPTISTA DE CASTRO.

2º Vice-presidente — DR. SYLVIO FERREIRA RANGEL.

3º Vice-presidente — CORONEL CORNELIO DE SOUZA LIMA.

Secretario geral — DR. DOMINGOS SERGIO DE CARVALHO.

1º Secretario — DR. LUIZ JOAQUIM DA COSTA LEITE.

2º Secretario — DR. HEITOR DE SÁ.

3º Secretario — DR. ALFREDO DIAS.

4º Secretario — CARLOS RAULINO.

1º Thesoureiro — ALBERTO DE ARAUJO FERREIRA JACOBINA.

2º Thesoureiro — EDEGARDO FERREIRA DE CARVALHO.

Commissão directora d'A LAVOURA

Dr. Wenceslão Alves de Oliveira Bello, presidente.— Dr. Domingos Sergio de Carvalho.— Dr. João Baptista de Castro.— Dr. Sylvio Ferreira Rangel.— Dr. Heitor de Sá.— Edegardo Ferreira de Carvalho.— Alberto de Araujo Ferreira Jacobina.

COLLABORADORES :— Dr. Antonino Fialho.— Barão de Capanema.— Dr. Moura Brazil.— Dr. Luiz Pereira Barreto.— Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello.— Dr. Aristoteles Gomes Calça.— Dr. João Baptista de Castro.— Dr. Augusto Ramos.— Dr. Joaquim Ignacio Tosta.— Dr. Fabio Nunes Leal.— Dr. Felipe Aristides Caire.— Dr. Eurico Jacy Monteiro.— Dr. Gustavo D'Utra.— Dr. Von Ihering.— Dr. Morales de los Rios.— Alberto de Araujo Ferreira Jacobina.— Antonio Augusto Pereira da Fonseca.— Carlos Moreira.— Alipio de Miranda Ribeiro.— Dr. Augusto Bernacchi.— Antonio de Medeiros.— Dr. Joaquim Travassos.— Dr. Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho.— Guilherme Missen.— Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva.— Antonio Gomes Carmo.— Dr. Sylvio Ferreira Rangel.— Dr. Simoens da Silva.— Sampaio Vianna.— Dr. Domingos Sergio de Carvalho.— Dr. Carvalho Borges.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas em artigos assignados, e que serão publicados sob a exclusiva responsabilidade dos autores.

Os originaes não serão restituídos.

As communicações e correspondencias devem ser dirigidas á Redacção d'A LAVOURA na sede da Sociedade Nacional de Agricultura.

A LAVOURA não acceita assignaturas.

E' distribuida gratuitamente aos socios da Sociedade Nacional de Agricultura.

Condições da publicação dos annuncios

UMA VEZ		POR 3 MEZES	
Uma pagina.	20\$000	Uma pagina.	50\$000
Meia pagina.	12\$000	Meia pagina.	30\$000
Um terço de pagina.	8\$000	Um terço de pagina.	20\$000
Um quarto de pagina.	6\$000	Um quarto de pagina.	15\$000

Tiragem 5.000 exemplares

EDITORIAL

Informações agrícolas

Rio, 28 de junho de 1906.

Illm. e Exm. Sr. Dr. José Antonio Flores — Macuco — Estado do Rio.

Respondendo a vossa carta de 16 de março ultimo, cumpre-nos informar a V. S., com relação ao desejo que manifesta de saber onde poderá encontrar comprador para uns 15 kilos de casulos de bicho da seda que possui, e qual seja o preço approximado desse producto, não ha neste mercado comprador certo desse artigo. E' talvez possivel que em Barbacena o Sr. Amilcar Savassi seja comprador de casulos, mercadoria para a qual não ha cotação nos mercados nacionaes.

Na Europa custa a seda em casulos no maximo 4 francos ou pouco menos de 2\$ por kilo.

Somos com estima de V. S. attentos obrigados.

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1906.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Julio Leite — Cachoeiro de Itapemirim — Estado do Espirito.

Respondo a carta de V. S., em que pede informações sobre o modo mais conveniente para a aquisição de jumentos da Arabia e seu preço.

Não existindo a raça asina classificada com o nome especifico de Arabica, não podemos saber precisamente qual a raça que V. S. quer de preferencia adquirir.

Será, pois, de toda conveniencia nos façaes conhecer o caracteristico do animal que desejaes importar.

Ha tres raças asininas principaes e bastante conhecidas, representadas pelos :

- 1º, jumento hespanhol, que é alto e de pello curto;
- 2º, jumento de Poitou, que é grande, orelhudo, cabeçudo e muito pelludo ;
- 3º, jumento africano, que é pequenino e se encontra em toda a bacia do Mediterraneo, sendo conhecido em Portugal sob o nome

vulgar de gerico. Quanto ao preço, não podemos dal-o, mas pensamos ser de pequeno custo.

Aguardando vossas ordens, somos com estima e consideração attentos obrigados.

Rio de Janeiro, março 20 de 1906.

Illm. Sr. Eleuterio Edaelio Escobar — Campina Grande, Parahyba do Norte.

Recebemos vossa carta sem data e scientes do seu conteúdo, respondemos. Custam as ovelhas Bombouillet aqui 50\$, e os pastores Bombouillet 100\$000.

O Governo Federal pagará todas as despesas de transporte feitas com os animaes adquiridos, devendo as contas ser enviadas ao Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas por intermedio desta Sociedade; podeis, porém, nesse sentido ter melhores informações dirigindo-vos ao Sr. Luiz Camuyrano, rua da Assembléa n. 28, caixa postal n. 707, nesta Capital. Quanto ás gallinhas, não vos podemos dar por enquanto esclarecimentos seguros. E' o que nos cumpre informar-vos.

Com estima e apreço, somos vossos attentos obrigados.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1906.

Illm. Sr. Plinio de Magalhães Costa — Curaçá, Bahia.

Recebemos vossa carta de 3 de fevereiro ultimo.

Attendendo ao que pedis na referida missiva, indicamos como intermediario para obter os animaes que pretendeis importar da Republica Argentina o Sr. Luiz Camuyrano, negociante nesta praça, á rua da Assembléa n. 28. Foi esta a informação mais segura que podemos obter.

Com perfeita estima e apreço, somos vossos attentos obrigados.

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1906.

Illm. Sr. Hilario S. de Figueiredo — Diamantina.

Respondemos a estimada carta de V. S. em que nos pede algumas informações sobre o descascador «Xavier».

Esse descascador já não existe no commercio.

Ha, porém, no mercado, uma outra machina que presta os mesmos serviços que V. S. desejaria obter do descascador «Xavier»: é o descascador del Ciopo.

Descasca e limpa cerca de 20 saccos por dia, exige a força de quatro cavallos e tem pequeno volume. Vende-se na casa Nathan & C., 43, rua de S. Bento, S. Paulo. Não sabemos o seu preço, pois não encontramos mencionado no catalogo daquella firma commercial.

Aqui ficamos ás vossas ordens, sendo com estima — De V. S. attentos obrigados.

Rio de Janeiro, 26 de maio de 1906.

Illm. Sr. Torquato de Almeida — Cidade do Pará, Minas Geraes.

Accusamos recebida vossa carta de 18 de abril ultimo e bem assim duas amostras de maniçoba. Ambas as amostras de borracha são de grande elasticidade, livres de corpos estranhos, é o quanto se póde julgar *de visu*, isentas de resina ou pelo menos pouco resinosas.

E' preferivel o processo de coagulação expontanea, por ser o mais economico e ser o producto obtido por tal processo de boa qualidade, obtendo nos mercados europeus alta cotação, superior mesmo á da *borracha* do Pará, conforme contas de vendas dos Srs. Haritoff e Miranda Lima.

E' conveniente não expordes a borracha muito tempo ao sol, pois a borracha assim tratada torna-se resinosa. A borracha depois de prensada deverá ser humedecida com agua creolinada e posta a enxugar em um lugar bem arejado, até que fique sufficientemente secca. A lavagem com agua creolinada tem por fim evitar a putrefacção. Agradecemos a offerta de amostras que foram recolhidas ao nosso museo; pensamos que deveis proseguir nessa cultura, pois que é rendosa e de grande futuro. As informações completas do cultivo e preparo da maniçoba daremos pelo nosso boletim *A Lavoura*, do qual em tempo vos enviaremos um exemplar.

Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1906.

Illm. Sr. J. A. Neves Ferreira, Pontalete, Minas.

Accusamos o recebimento de vossa carta de 30 de setembro proximo passado. Em resposta temos a dizer-vos que as cevadas e aveias são de verão ou estio. Quanto ás informações que nos pedistes sobre os reproductores *Berkshire*, temos a communicar-vos que o Dr. Elysio de Araujo, deputado federal, cria *Berkshire* puros vehdendo reproductores.

Tambem o Sr. John Finlay, morador á rua Theophilo Ottoni, n. 77, tem um porco de raça *Berkshire* para vender. As sementes,

de capim favorito são distribuídas gratuitamente pelo Instituto Agromico de Campinas. Esperando que estas informações vos sejam proveitosas, somos com estima e apreço vossos att.^{os} obreg^{os}.

Lapa, 15 de janeiro de 1907.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Costa Leite — Rio.

Amigo e senhor—Acabo de chegar de uma excursão ao Estado de S. Paulo, encontrando aqui uma carta do Exm. Sr. Dr. Wenceslão Bello, de 18 do mez proximo passado, respondendo uma minha, o que muito agradeço; um telegramma de congratulações do mesmo Sr. Dr. Bello ao extinto Club da Lavoura Lapeano, pela aprovação no Senado do projecto creando o Ministerio da Agricultura e doze volumes de sementes ao mesmo club, remetidos por V. Ex., o que tudo recebi e muito agradeço. Esse club, como disse em minha ultima carta ao Exm. Dr. Bello, infelizmente, ha muito, extinguiu-se. Estou tratando de fundar aqui um «Syndicato Agricola», que estou sem esperanças de vêr realizado! O povo aqui não está preparado para conceber idéas tão sublimes como essa. Acabo de lêr na *Gazeta de Noticias* um importantissimo artigo sobre o linho Perini; realmente, isto enthusiasma! Agradeço ao Exm. Sr. Dr. W. Bello as considerações com que nos tem distinguido e congratulo-me com elle e V. Ex., assim como com a Sociedade Nacional de Agricultura, não só pela criação do Ministerio da Agricultura, tão desejado, como tambem por vêr coroados de bom exito todos os grandes empreendimentos dessa benemerita sociedade em prol da nossa Patria tão amada.

Com a maior estima e consideração, sou

De V. Ex., amigo grato e admirador. — *Fidelis de Paula Xavier*.

Sociedade de Agricultura e Protectora dos Animaes de Jaguarihyba (Paraná), 14 de janeiro de 1907.

Exm. Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. — Foi com a maxima satisfação, que a Sociedade que representamos recebeu a noticia da sancção pelo Exm. Sr. Presidente da Republica da lei que creou o Ministerio da Agricultura, que tão anciosamente era desejado por quantos têm interesse pelo desenvolvimento agricola do Paiz. E é em nome da mesma Sociedade que, levando á Sociedade de que sois digno presidente os nossos sinceros parabens, fazemos votos para que, entregue a nova pasta a um titular de alta e reco-

nhecida competencia, possa a nova Secção Administrativa trazer reaes e valiosos auxilios ás classes de que são representantes a Sociedade que presidis e a nossa, concorrendo assim para o engrandecimento de nossa cara Patria. Apresentamos os protestos de nossa alta consideração e subida estima.

Saude e Fraternidade. — Bacharel *Joaquim de Mello Rocha Junior*, presidente. — *Joaquim Pereira Ferreira*, vice-presidente. — *Manoel Leocadio de Carvalho*, orador. — *Plinio de Camargo*, secretario.

Sociedade de Agricultura Alagoan a (Maceió), 24 de fevereiro de 1907.

Exm. Sr. Dr. Wencesláo Bello — Participo a V. Ex. que o nosso modesto estabelecimento de ensinamento agricola vae tendo algum adiantamento; é assim que os predios necessarios estão concluidos, as aguas captadas e canalizadas, os campos preparados e alguns cultivados, e os estabulos, estribarias, pocilga, etc., em andamento, devendo ficar tudo prompto dentro de dous mezes. Opportunamente vos remetterei photographias de tudo que existe em nosso estabelecimento, e por ellas poderá ver que temos trabalhado e que com pouco dinheiro pôde-se fazer muito, quando se offerecer oportunidade, peço de não esquecer o nosso estabelecimento com algumas sementes e plantas. Agora mesmo, vamos iniciar uma plantação de videiras e encontramos difficuldades em arranjar umas trinta variedades de bacellos authenticos, pois não confiamos muito nos intermediarios que, por mais de uma vez tem nos mandado *gato por lebre*. Sendo possivel nos remetter uns trinta bacellos de cada variedade que poder arranjar, ficaremos summamente gratos.

Aqui fica inteiramente ao vosso dispor, etc. de V. Ex. amigo attento e criado — *Miguel Guedes Nogueira*.

Machinismos para o fabrico da farinha de mandioca

Tendo os Srs. Brüggeman, Pereira & C. solicitado da Sociedade Nacional as informações constantes da carta annexa, assignada por aquelles senhores, o Sr. Dr. Wencesláo Bello dirigiu-se aos Srs. Arens & C., que lhe remetteram o crçamento adeante exposto, onde se encontram os dados precisos, acompanhados das respectivas informações.

Carta dos Srs. Brüggeman Pereira & C.— Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1907 :

« A' Sociedade Nacional de Agricultura.— Nesta.

Illmos. Srs.— Os abaixo-assignados, proprietarios de uma fazenda denominada Salgado e situada á margem do rio Inhomirin, Estado do Rio de Janeiro, vem respeitosamente consultar V. S^{as}. sobre o seguinte :

1.º Quaes são as machinas mais aperfeiçoadas para o fabrico de farinha de mandioca ?

2.º Existe uma machina para descascar a mandioca, que substitua vantajosamente o trabalho manual ?

3.º Podem V. S^{as}. indicar-nos um engenho de farinha de mandioca, montado com todos os melhoramentos modernos e aperfeiçoados ?

Plantámos approximadamente 10 alqueires de terras com mandioca e pretendemos montar um engenho moderno que poderá servir de modelo a outros. E' este o motivo que nos leva a solicitar de V. S^{as}. as informações acima indicadas.

Antecipamo-lhes os nossos sinceros agradecimentos e somos com elevada estima e consideração.

De V. S^{as}. Amigos e Criados Obrigados.—P. P. de Brüggeman, Pereira & C.—*Julio Issler Filho.*»

Carta dos Srs. Arens & C.:

« Rio de Janeiro, 6 de abril de 1907.

A' Sociedade Nacional de Agricultura.— Alfandega 102.— Nesta.

Amigos e Srs.— Por motivo de muitos affazeres occasionados com a mudança do nosso estabelecimento, só hoje pudemos responder o seu estimado favor de 19 do proximo passado, o que lhes pedimos desculpar-nos. Incluimos o nosso orçamento sobre um machinismo n. 1 e um dito n. 2 para a fabricação da farinha de mandioca, de nosso systema aperfeiçoado, e muito desejamos que esteja ao agrado de V. S^{as}.

Quanto aos « clichés », estamos diligenciando arranjar, mas de momento não nos é infelizmente facil, porque os que usamos para a impressão de nossos catalogos acham-se em poder do impressor na Europa, como ja tivemos ensejo de dizer ao Sr. Dr. Carmo.

Muito nos agrada e desvanece a attitude dessa Sociedade em relação á propaganda que tem em vista fazer de nossosapparelhose

por essa gentileza apresentamos a V. S^{as}. os nossos cordiaes agradecimentos.

Ao seu inteiro dispor, somos com todo o apreço,
De V. S^{as}. Amigos Obrigados e Criados.—*Arens & C.*»

ORÇAMENTOS

Rio de Janeiro, 5 de abril de 1907.

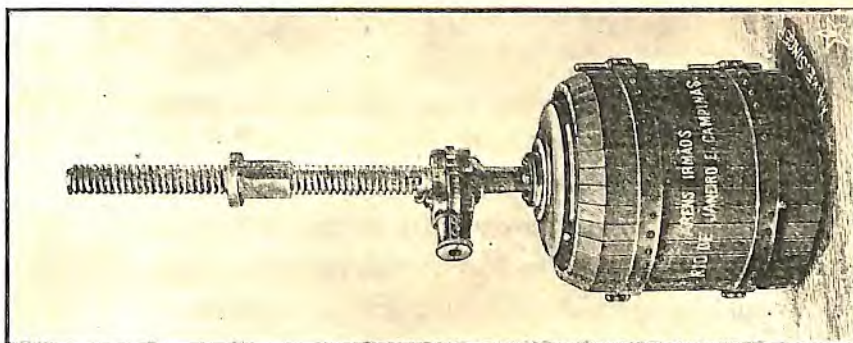
A' Sociedade Nacional de Agricultura.

Machinas para fabricação de farinha de mandioca

ORÇAMENTO N. 1

Um machinismo para a produção de cinco a oito saccos de farinha constando de :

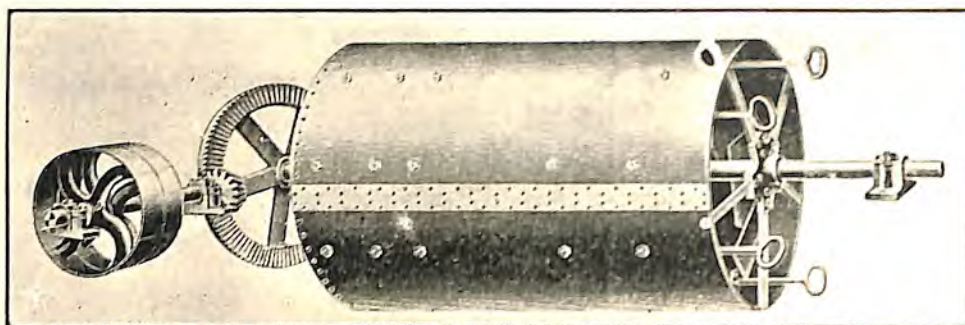
- Uma cevadeira pequena, com deposito para mandioca, solida armação de madeira de lei, gaveta com puxavante a mão, semelhante á fig. n. 62, do nosso catalogo, porém com alguns melhoramentos recentes, polias fixa e falsa e cylindro provido de serrilhas de aço de rija tempera. Força necessaria 1/2 cavallo. 300\$000
- Uma ferragem para prensa de mandioca com barril de madeira de lei, muito reforçado, com aros arti-



PRESSA

- culados de ferro, muito reforçados, parafuso de catraca, bucha com porca de bronze, tendo capacidade para cerca de 140 litros em cada operação, como se vê da fig. n. 63, do catalogo. 500\$000
- Um torrador cylindrico aperfeiçoado, de solida construção, com engrenagem singela e polias fixa

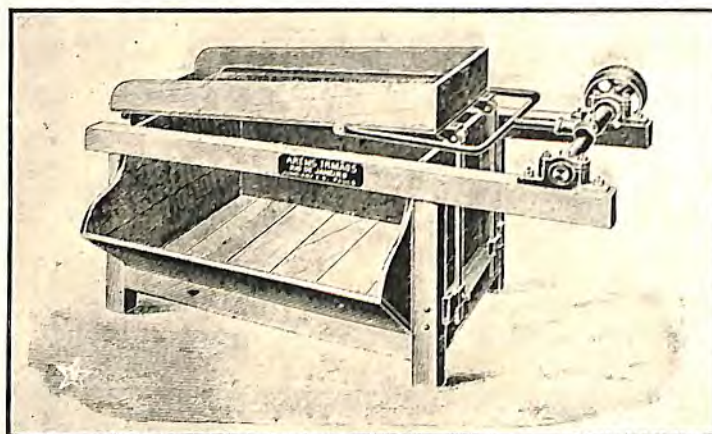
e falsa, conforme a fig. n. 65 do catalogo. Força necessaria $1\frac{1}{2}$ a $3\frac{1}{4}$ cavallos. A engrenagem



póde ser direita ou angular, conforme for mais conveniente em attenção as circumstancias locais

960\$000

Uma peneira mecânica para coar farinha, extrahindo-lhe os caroços e tornando-a fina e homogênea,



com solida armação de madeira e polias fixa e falsa (fig. 66) aperfeiçoada

500\$000

Um manejo para dous a quatro animaes, completo, com transmissão para mover a cevadeira, o torrador e a peneira, inclusive as correias de sola ingleza de superior qualidade, calculadas para o comprimento maximo de 10 metros cada uma. Cerca de

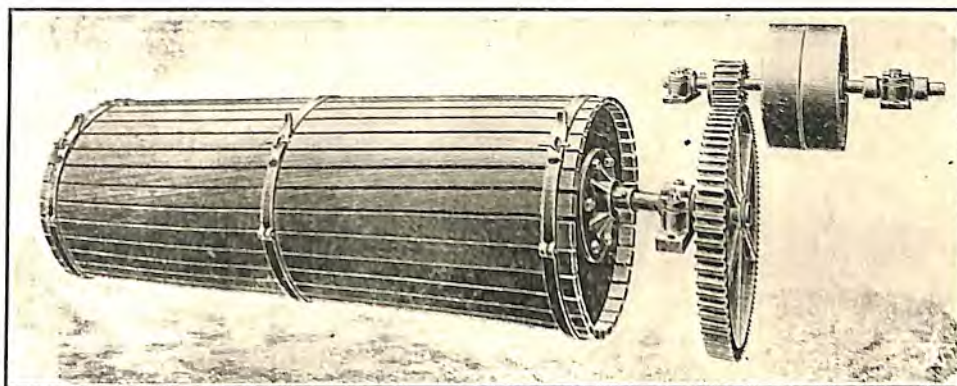
900\$000

Total aqui no Rio de Janeiro, em nosso deposito . . 3:160\$000

ORÇAMENTO N. 2

Um machinismo para producção diária de 10 a 15 saccos de farinha, constando de :

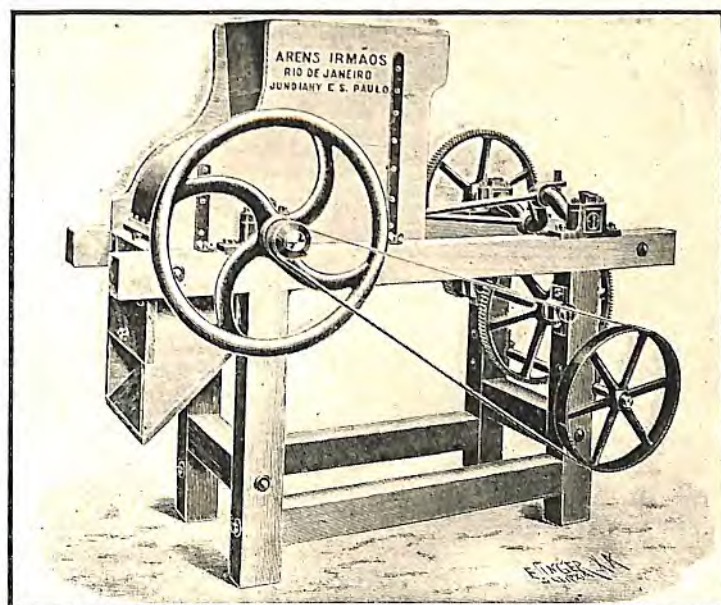
Um aparelho lavador. Descascador de mandioca, fig. 60 do catalogo, solida construcção de madeira de lei, com engrenagem singela e polias fixa e falsa,



para ser movida a correia. Este aparelho deve trabalhar immerso em um tanque de agua até certa altura do cylindro, quanto baste para molhar continuamente as raizes de mandioca submettidas á operação de descascar. Força necessaria 1/4 a 1/2 cavallo

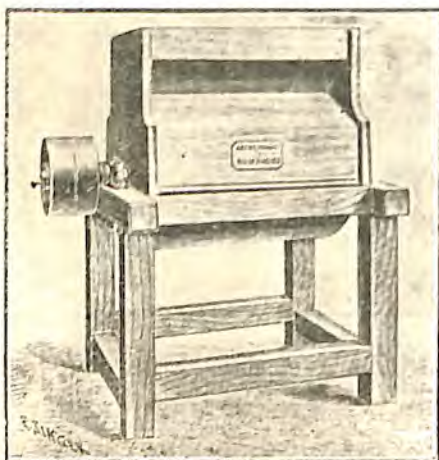
850\$000

Uma cevadeira dupla, automatica, com movimento proprio e alternado por meio de puxavantes accio-



nados por um eixo de manivella, tendo polias fixa e falsa, e solida armação de madeira, como mostra a fig. n. 61 do nosso catalogo, dispen-

sando o serviço de uma pessoa. Força necessaria, 1 cavallo-vapor	700\$000
Tres ferragens para prensa de mandioca, conforme a especificação do orçamento n. 1, a 500\$	1:500\$000
Um coador-batedor de massa, com solida armação de madeira, tendo polias fixa e falsa para ser mo-	



vido a correia. Força necessaria, 1/2 cavallo-vapor	480\$000
Dous torradores cylindricos aperfeçoados, conforme a especificação do nosso orçamento n. 1, sendo um para enxugar a massa e outro para torrar a farinha	1:920\$000
Uma peneira mecanica para farinha, conforme a especificação do orçamento n. 1.	500\$000
Uma transmissão geral, constando de um eixo de ferro de 30", luva de junção, dous anneis de pressão, cinco mancaes, cinco polias e seis correias de 10 metros cada uma ; cerca de	1:150\$00
Preço total em nosso deposito	7:100\$000

N. B. — Quanto ao motor para este machinismo, poderá ser vapor ou hydraulico, cujo preço informaremos mediante consulta.

Para o plantio e limpeza do mandiocal, podemos fornecer :

Um cultivador «Planet Junior», conforme a fig. n. 105 do nosso catalogo, com alavanca, enxadas e abridor de sulcos, completo tambem para capinar, podendo a distancia dos sulcos ser graduada a vontade. . .	62\$000
--	---------

Observação — Segundo a escala em que se pretender montar um machinismo e o capital a empregar, podemos fazer varias combinações com as mesmas machinas expostas no presente orçamento, reduzindo o numero dellas ou augmentando. — *Arens & Comp.*

COLLABORAÇÃO

Carta do Sr. Dr. Carvalho Borges Junior ao Sr. Dr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura sobre as formigas cuyabanas 1112

Valença, 5 de dezembro de 1906 — Tenho a satisfação de comunicar a VV. EExs. que, das ultimas e constantes pesquisas a que procedi sobre a vida e costumes das *formigas cuyabanas*, do genero e especie que possuímos neste municipio, e bem assim sobre o modo por que ellas exercem a sua acção destruidora contra as *saiúvas*, *quenquens* e *quaesquer outras* reconhecidas como nocivas á lavoura, cheguei ás seguintes conclusões, que reputo definitivas :

1.^a As *cuyabanas* de Valença não se apresentam em *cordões* ou *correições*, como a principio informei por um deploravel equívoco, confundindo-as com outras formigas, de igual tamanho e côr, que tambem existiam nos meus terrenos, situados á margem da Estrada de Ferro União Valenciana, e que depois de algum tempo desapareceram com as *saiúvas* e *quenquens*, logo que começaram as *cuyabanas* a multiplicar-se e a dar caça ás larvas contidas em seus ninhos.

Uma vez senhoras as *cuyabanas* do terreno ou quando já não se via mais uma só representante das outras formigas, cujos esconderijos eram encontrados inteiramente desertos, foi que tive a oportunidade de observar e então convencer-me de que as *cuyabanas*, em vez de formarem *correições*, se apresentam em grandes ou extensos *ajuntamentos* mais ou menos *diffusos*, em movimentos de vai-vem constante, originando-se dahi o apellido de *ciganes*, pelo qual são ellas tambem conhecidas;

2.^a Essas *cuyabanas*, na luta pela vida, não vacillam, quando *numerosas*, em penetrar nos formigueiros das *saiúvas* e de *outras qualidades de hymenopteros* em busca de seus ov os ou larvas. Se não encontram em caminho a menor resistencia atiram-se sofregas aos ovos ou larvas e os comem, retirando-se em seguida. Si, porém, as *saiúvas* ou outras formigas, que tenham seus ninhos no sub-sólo, procuram obstar a sua marcha, neste caso ellas as atacam violentamente, offerecendo-lhes encarniçado combate, como foi verificado pelo eminente director do Museu Paulista, o Sr. Dr. Hermann Von Yhering, que, em duas cartas, que me dirigiu em data de 30 de março e 1 de abril deste anno, relata todas as peripecias de um encontro havido entre as *cuyabanas* e *quenquens*, do qual sahiram aquellas victoriosas.

Não darei publicidade á essas importantes missivas emquanto o illustre cientista não tiver concluido os seus ensaios biologicos com os

novos e fortes enxames, que lhe enviarei brevemente, e com os quaes, espero, conseguirá o Dr. Von Yhering uma prova decisiva do reconhecido valor desses utilissimos insectos como eliminadores das *saúvas* e de outras qualidades de formigas que possam existir nas localidades, onde ellas commecem a desenvolver-se.

Dos termos da segunda copclusão se evidencia tambem e de modo irrecusavel :

a) Que as *cuyabanas* não destróem as *saúvas* por antagonismo natural, mas tão sómente quando estas procuram oppor-se á destruição de seus ninhos.

b) Que as *saúvas* acham sua salvação antes na fuga do que na resistencia.

Com plena confiança nos resultados das minhas recentes observações, espero vêl-as opportunamente confirmadas pelos estudos scientificos a que está procedendo, a meu pedido, não só o illustrado Dr. Von Yhering como o operoso e provecto director da Escola Agronomica Experimental de Porto Alegre, Dr. João Paldaof.

Passo agora a fazer uma importante communicação que, estou certo, será recebida por essa directoria com o mesmo interesse que sempre lhe desperta tudo o que póde contribuir para a prosperidade da lavoura nacional e, consequentemente, para o bem estar dos nossos agricultores.

Esta communicação se refere á destruição pelas *cuyabanas* dos ovos dos *gafanhotos*, deste terrivel flagello que acaba de visitar o municipio de Valença, devastando as plantações de cereaes, especialmente de feijão.

Como se sabe a desova desses insectos (orthopteros) constitue uma verdadeira calamidade para a lavoura, pois, contendo cada postura 75 a 120 ovos, serão estes depois transformados em *saltões* ou *voadores* e mais tarde, depois de desenvolvidos, em outros tantos *gafanhotos* a proseguirem na sua marcha destruidora. E se considerarmos que o clima quente e humido das zonas, que acabam de ser por elles visitadas, favorece a sua procreação. facil será comprehender o grande perigo a que ficam sujeitas as referidas zonas, desde que a geração dos *gafanhotos*, não já como ovo mas como *saltão*, possa encontrar condições favoraveis á sua acclimação.

Os meios aconselhados para destruição dos *gafanhotos* e sobretudo dos ovos não são de tal ordem a nos tranquillizar sobre essa nova desgraça de que está ameaçada a lavoura. Nem todos os que se dedicam á cultura da terra estarão habilitados, como bem se comprehende, a pôr em execução esses meios aconselhados contra a praga dos *gafanhotos*, que, na sua marcha destruidora, devoram os cereaes das novas sementeiras, os pastos tenros e até aceitam, quando coagidos pela fome, todos os ali-

mentos imaginaveis, sendo provavel que não poupem mesmo os pés de café.

Pelo seu colossal numero poder-se-ha julgar da extensa área que será necessario revolver com o arado afim de extinguir os ovos que ahi se achem enterrados. Além disto os demais processos usados para dar caça aos *gafanhotos* e inutilizar a desova não são de tão prompto resultados que se possa com elles contar de modo a evitar os grandes prejuizos que deverá soffrer a lavoura com a visita periodica desses terriveis inimigos. Entre outros processos citarei o da apanha dos *gafanhotos* por varias especies de aves, como o urubú, a ema e siriema, pelos reptis, etc., etc.

O *schistocerca paranaensis*, que é o genero que acaba de visitar-nos, apresenta, quanto ás suas dimensões e estrutura de seu abdomen, os seguintes caracteres: As femeas são maiores que os machos, medindo o abdomen, em geral de côr escura, o comprimento de 0^m.06, sendo o ultimo segmento terminado por dois furadores; os machos, entretanto, têm o abdomen claro e terminado por uma especie de unha.

Para effectuar a desova perfuram as femeas a terra, onde se detêm pelo peso dos ovos, sendo ahi pelos machos cabertas até mesmo o momento de se ultimar a gestação; a perfuração apresenta a fôrma de um cartucho, em cujo fundo depositam ellas os ovos depois de terem untado as respectivas paredes, ficando estes protegidos por uma camada porosa que se estende até a superficie do terreno e onde é rematada por uma camada tenue, da espessura mais ou menos de uma folha de papel, formada por uma especie de cêra misturada com argilla ou silica.

As formigas *cuyabanas*, attrahidas provavelmente pelo cheiro agradável da cêra, atiram-se a ella e pouco depois vê-se que ellas penetram com facilidade na camada porosa, descendo immediatamente ao fundo do cartucho, onde se acham os ovos, cujo cheiro se confunde com o de ova de peixe.

Em varias excavações que mandei fazer na área em que os *gafanhotos* desovaram, observei grande numero de *cuyabanas* no interior dos cartuchos, tendo em uns desaparecido os ovos e apresentando em outras partes delles destruidos ou furados e, portanto, imprestaveis.

Tendo eu, no dia 23 do mez passado, dado conhecimento dessa importante experiencia ao Sr. Dr. Ernesto Ribeiro de Souza Rezende, proprietario da Fazenda das Corôas, onde existem iguaes formigas, ouvi d'elle a confirmação do facto por mim observado, informando-me esse distincto amigo que, tendo-se de fazer ultimamente a capina de um milho em dez alqueires mais ou menos de uma lavoura nova de café, invadida por *gafanhotos*, em nove dos quaes se achavam localisadas numerosas formigas *cuyabanas*, verificou-se que nesses terrenos não havia um só ovo,

ao passo que no alqueire restante, onde não havia dessas formigas, fôra encontrada grande quantidade de ovos que se transformaram em saltões.

Esta declaração, que recebi com o maior prazer, consta de uma notícia que o mesmo Dr. Rezende fez publicar, no dia 25 do referido mez, nas varias do *Jornal do Commercio*.

São estas as informações que julguei conveniente trazer ao conhecimento da digna Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura, na esperança de poder assim prestar mais um pequeno serviço á lavoura do meu paiz, já assoberbada por tantos e crueis soffrimentos.

Dar-me-hei por bem recompensado si estas informações puderem merecer a vossa attenção e contar com o vosso apoio, de modo a se tornar conhecida, em todos os cantos do territorio brasileiro, mais uma importante qualidade das admiraveis formiguinhas que possuímos neste municipio, qual a de destruir *por completo* os ovos de gafanhotos.

Dignando-se de dar publicidade á esta communicação, reitero a VV. EE. as seguranças do meu elevado apreço e distincta consideração.

Uma nova abelha mellifera inoffensiva

A' illustrada Redacção d'*A Lavoura*.

Li, sob o titulo acima, transcripto em vosso apreciado boletim de setembro agora distribuido, um artigo da *Hacienda*, de Buffalo, que eu já havia lido, sobre a abelha do Caucaso.

Nós, aqui em nosso paiz, tambem possuímos uma abelha mellifera, que eu supponho indigena, que está nas condições daquella. Quero referir-me á URUÇU, que se encontra em nossas mattas e que fabrica abundante mel e igual ao fabricado pela abelha, chamada europeá. A URUÇU precisa ser estudada pelos competentes, que verificarão se poderá ser applicada na agricultura, afim de substituir a europeá, que tantas e tão desagradaveis ferradas proporcionam aos agricultores incipientes, e tem com esta varios pontos de contactos: o tamanho e a côr, quasi semelhantes, e o modo de guarnecer a entrada do cortiço por sentinelas, em vez de fazer como as nossas selvagens que o fecham. Por isso, as formigas, e especialmente a *saracutinga*, destroem impiedosamente os seus cortiços, o que concorre para a sua pequena expansão. Os favos da URUÇU são redondos, como os do *mangágá* e dispostos de maneira differente da europeá. Em que a *uruçu* tambem differe desta, é na mansidão e em ser completamente inoffensiva, como as do Caucaso. São desprovidas de ferrão. Enrai-

vecidas investem e dão um esbarro no importuno, voltando promptamente á casa, si não se emmaranham nos cabellos. Dizem *tiradores* de mel que, quando batem com o machado no páo, onde ha *uruçus*, estas se aquietam e se deixam ficar no cortiço.

Ha duas variedade de URUÇU, uma amarellada e outra riscada, chamada *uruçu pitanga*; ambas grandes. Ha outra variedade, menor, de côr preta.

São todas mellíferas, por excellencia, fabricando abundantemente.

Os agricultores competentes e estudiosos devem procurar esta abelha e estudal-a, e é para isto que eu, que nada tenho com o caso, que sou completamente profano no assumpto, me abalancei a escrever estas despretenciosas linhas. Outra razão tambem obrigou-me a isto: póde ser que a transcripção do artigo da *Hacienda* desperte nos nossos agricultores a vontade de introduzir as do Caucaso, quando, talvez, entre nós, possam encontrar na URUÇU, sem o equivalente por menos dinheiro.

Que sirvam estas linhas, como eu desejo, para garantir aos que quizerem «entregar-se ao trato das abelhas, certo de antemão de escapar ás picadas dolorosas com que o intelligente hymenoptero sóe castigar aos que ousam perturbar a paz de seu lar» — como diz o Dr. G. C. — a certeza de que, para conseguirem isto, não têm necessidade de sahir deste paiz — tão prodigo em tudo!

Conceição de Macabú, janeiro de 1907.—*Evaristo A. de S. Ribeiro.*

Pela lavoura

Si o governo lança pesados impostos, anniquilando o povo,
quem sustentará o throno?

.....
Si Deus me conceder vida, espero um dia poder propor-
cionar a todo francez, aos domingos, uma gallinha para sua
panella.

(HENRIQUE IV).

Sr. director da Sociedade Nacional de Agricultura — Aproveitando uma folga forçada, as horas de um dia invernoso, tomo a liberdade de ir á presença de V. S. conversar sobre lavoura. V. S. tem se revelado devotissimo amigo da lavoura; disse um pensador francez que conversar com um amigo é pensar em voz alta; conversemos, pois.

A posição da chamada grande lavoura, Sr. doutor, está cada vez mais precaria. O Convenio de Taubaté deu-nos uns lampejos de esperanza, mas hoje estamos convictos de que elle veio piorar

a nossa já triste situação. Ha uma meia duzia de lavradores felizardos, para os quaes as cousas correm sempre placidas, mas, geralmente, é contristadora a posição dos fazendeiros. Nós já não cuidamos daquillo que até ha pouco era muito natural — a illustração dos filhos; já não pensamos naquillo que é uma necessidade moral — proporcionar á familia uns momentos de gozo; já dispensamos uma necessidade biológica — o passadio confortavel. Entretanto, não vivemos na ociosidade, como calumniosamente se propala pelas ruas da Capital. De um lado, a falta de policia rural, favorecendo a pilhagem, o ataque ás nossas creações e plantações miudas, priva-nos do conforto vital; de outro lado o fisco asphyxiando-nos com suas exigencias, arrancando-nos 5, 10 e 20 % de nossas produções, acaçapa nossa vida moral. Não vivemos na ociosidade. O que occasiona esse marasmo, essa miseria no campo, é, de um lado, a falta de um codigo rural que nos ponha ao abrigo dos malandros, dos larapios; de outro lado, uma administração moralisada que nos liberte dos parasitas encasacados, dos impostos asphyxiantes.

Da cabeça aos pés estamos sobrecarregados de impostos. Não riscamos um phosphoro, não calçamos um sapato, não fazemos um movimento qualquer, que não paguemos 2, 4 e mais vezes ao fisco. Em um phosphoro que riscamos, pagamos o imposto de fabrico, impostos federal, estadual e municipal ao negociante, e ainda, como sobrecarga, o sello adhesivo. Sabemos que uma nação não pôde viver sem impostos; o imposto é para uma nação, o que o alimento é para o vivente. Sabemos disso, e ninguem se nega a contribuir para os cofres publicos, desde que veja que isso é em beneficio da communhão; desde que seja applicado em estradas de ferro e de rodagem, pontes, correio, telegraphos, hospitaes, aulas primarias, escolas profissionaes, bibliothecas, divertimentos publicos, soccorros a calamidades publicas etc. Como a agua que, sugada do lago forma nuvens, cae na terra, alimenta as plantas e volta á fonte de origem, o suor do povo será pacificamente colhido pelo fisco, si for applicado na lubrificação das molas que devem ser movidas em beneficio publico. Mas não é isso o que vemos. Os milhares de contos de réis arrancados, á força, dos pobres productores, são mal gastos.

O Congresso Federal, composto de homens eleitos pelo povo para tratarem dos interesses da communhão, muito mal distribue a fortuna publica. Vejamos: o Congresso, elle mesmo, continuamente prorogando suas sessões, gasta o duplo do já grande orçamento votado para seu funcionamento, causando assim grande damno ao

Thesouro. Dia a dia augmenta o numero dos pensionistas da Nação. Ha cinco annos as pensões andavam em pouco mais de 4 mil contos ; hoje ascendem a 7 mil contos por anno !! Quando nós aqui na roça de anno a anno vamos diminuindo nossas despesas, cortando nossos gastos, os Srs. congressistas ali procuram augmentar os já enormes ordenados dos funcionarios publicos. Ao envez de concederem licenças sem remuneração, concedem com longos prazos e com todos os ordenados, concorrendo assim para o aggravamento do erario. Nisso e em outros desvarios estão os grandes gastos da Nação, a anemia, o máo estar, a miseria, o desanimo, o desespero das classes laboriosas, entre ellas avantajando-se a agricola.

Que fazer, perguntará V. S. ? Cortar as despesas inuteis, odiosas, e só cuidar do bem estar do povo. Como na planta cortamos os galhos inuteis, improductivos, sugadores, parasitas, na sociedade devemos eliminar as despesas que prejudicam o bem estar da communhão.

S. S., que é presidente de uma sociedade agricola, poderá ser o nosso advogado junto ao governo. Tendo relações intimas com deputados e senadores, fará sentir que a continuação desse esbanjamento é a morte da lavoura — sustentaculo de todos os governos. Falando á intelligencia e ao sentimento dos congressistas, acreditado emendarão elles a mão ; mas quando se não dê isso, por intermedio dos ministros amigos, V. S. conseguirá do Sr. Presidente da Republica os *vetos* nas resoluções legislativas que não reflectirem o bem estar publico. Entre as disposições legislativas ha uma que faculta a moços recentemente formados irem á Europa, á custa do Thesouro, aperfeiçoar seus estudos. Si, ao envez disso, mandasse o governo um pugillo de moços para os campos agricolas e pastoris da Argentina e Estados-Unidos, não lucraria muito mais a Nação ? Eis-me chegado ao assumpto principal desta carta. De accordo com o nosso operoso e invejavel patricio, Dr. Assis Brasil, penso que na exploração das leguminosas e dos cereaes e na boa direcção da pecuaria está o futuro do Brasil. Mas como explorar isso ? Pela enxada ? Não, porque o Chile e a Argentina dão no Rio de Janeiro viveres por preços que não podemos dar aqui no interior.

Precisamos de machinas, arados, semeadores, capinadores e ceifadores. O lavrador, reduzido á miseria, mal pôde cobrir a nudez e matar a fome dos filhos e não se anima a comprar machinas. Mas quando, pudesse comprar, que é das instrucções praticas para o manejo ? Quando ali estive ultimamente, fiz ver a V. S. a vantagem que haveria em mandar a sociedade turmas de pessoal habilitado, com machinas, para o ensino pratico nas diversas zonas agrarias.

V. S. achou optima minha idéa, mas objectou que a sociedade não estava aparelhada para isso. Sou pae de sete filhos varões e desejo muito que elles todos sejam lavradores, não cegos e rotineiros como o pae, porém orientados, aparelhados para tirar do solo cheios de animo e contentamento, os alimentos para a futura prole. Com a rotina não ha gosto, não ha prazer em viver-se no campo. O abandono das fazendas, por muitos lavradores que buscam os centros populosos, não tem outra explicação. Não vivemos, pois não é vida um soffrer continuo. Vamos empurrando a carga até chegar a morte do corpo, que o coração e o espirito ha muito se extinguiram no engolfamento das trevas!

Pensando em tudo isso lembrei-me suggerir a V. S. uma idéa para a qual peço sua meditação. Muitos lavradores paulistas têm mandado filhos para escolas agrarias estrangeiras; entretanto a nossa lavoura não sahe do carrancismo. Elles, porém, plantam-se nas cidades, e, tendo gorda a bolsa paterna, não pensam sinão em divertimentos. Entretanto ha muita gente cheia de boa vontade, que só deixa de ir aos campos de experiencia porque não dispõe de recursos. Nas cidades, nas escolas agrarias, quando muito se poderá aprender a discorrer sobre methodos de trabalho, vantagem de adubação, melhoramentos de raças, etc. Não é disso que precisa a lavoura. Precisamos de quem maneje o arado para vir nos ensinar; precisamos de quem venha ver, apalpar nossas terras e dizer qual o correctivo de que carece; precisamos de quem tenha vivido no aprisco, para vir nos dizer como havemos de progredir na pecuaria. Não ha de ser com livros e revistas e propaganda de gabinete que a lavoura brasileira irá ganhar terreno e fazer progressos reaes.

Os jesuitas, para catechisarem os silvicolas, conquistaram o coração dos aborígenes, aprenderam a lingua indigena e internaram-se nas breñas. Para que a lavoura e a pecuaria do Brasil saiam do carrancismo actual, é necessario e sufficiente que umas centenas de homens jovens, cheios de vida e boa vontade e conhecedores do traquejo agricola, dos progressos estrangeiros, internem-se pelo interior, convivam com os lavradores, deem-lhes lições praticas dos processos scientificos. Para os campos argentinos e norte-americanos, siga uma phalange de moços de boa vontade, para transmittir-nos, por exemplo, os progressos dalli. Penso que o governo não deixará de pôr isso em pratica, desde que haja garantia do bem estar geral. A pensão seria modesta, visando apenas um viver decente no meio agricola. Como garantia para o Thesouro, isto é, para que o pensionista temesse a suspensão da mezada, o governo exigiria duas a quatro

vezes no anno um relatorio, uma simples exposição do que tivesse sido visto e aprendido. Esta vae demasiado longa e não quero mais fatigal-o. Espero que V. S. reflecta sobre minha idéa e haja a bem dos interesses da lavoura, que são os interesses de todos. Conte commigo em todos os esforços pelo bem estar agricola. — *A. C. Ferreira Paulo*, lavrador em Lage de Muriahé.

Dezembro de 1906. — A' Directoria — 1 de janeiro de 1907. — *Wenceslão Bello*.

Agricultura moderna

O problema principal na agricultura moderna consiste em conseguir-se, com as menores despezas possiveis, o maximo da producção, sem no entanto prejudicar, por esse augmento de producção, a conservação permanente da fertilidade do solo.

Afim de frisar bem este ponto de importancia capital, torna-se conveniente repetir que : « a constante conservação da fertilidade do solo » é a base da cultura racional, já que não se deve, tanto no interesse do agricultor, como tambem no da riqueza publica, visar uma exploração momentanea do solo. Por esse momentaneo despojo da terra, póde muito bem dar-se, como sóe acontecer com o jogo da bolsa, quando a conjunctura é bem aproveitada, que um ou outro especulador saia ganhando, ao passo que o paiz perde sempre em taes casos. Sómente pelo esmerado cultivo da terra, acertada escolha das sementes, cuidadoso trato das plantas e adubação racional da lavoura, é que póde ser mantida a permanente fertilidade da terra, e bem assim, augmentada a sua producção, originando-se, por esta fôrma, uma inexgotavel fonte de prosperidade para a lavoura e bem estar da comunidade.

Reconhecida, desde os mais remotos tempos, a importancia da conservação da fertilidade do solo, pelos povos agricolas, veio a ligar-se o mais vivo interesse ao valor do estrume na lavoura, e os lavradores de todos os paizes e épocas chegaram a empregar nos campos e plantações o esterco de estribaria e de outros residuos, afim de colherem uma safra mais abundante, resultado que nunca era alcançado nas regiões onde esse processo era desprezado, tornando-se, mesmo nos terrenos mais ferteis, a producção cada vez mais escassa, por falta de adubação, trazendo, como consequencia, o empobrecimento progressivo dos povos e seu final desaparecimento.

Querendo-se evitar essa diminuição de producção, cumpre restituir á terra os elementos absorvidos pela planta, que com os seus productos foram vendidos para longe do solo que os gerou.

Temos, em primeiro lugar, que considerar o esterco de estribaria, porque dá á terra não sómente o alimento exigido, mas também augmenta em alto gráo as propriedades physicas do solo, tão necessarias ao melhor desenvolvimento das plantas; torna fôfa a terra, outrora dura e a que era fôfa mais consistente, augmenta a humidade do solo, introduz as bacterias, etc. Além disso, pôde-se facilmente obter a preços reduzidos esse esterco, em quasi todos os estabelecimentos agricolas, em que tenham sido tomadas disposições adequadas para esse fim.

Formando, na maioria dos casos, o esterco de estribaria, a base da alimentação racional, não pôde, entretanto, ser considerado como o unico e principal factor desta alimentação racional, havendo necessidade de completal-o, e, ás vezes, até de substituil-o por adubos chimicos.

Isto só se explica, se considerarmos que os elementos nutritivos contidos no esterco são extrahidos da propria fazenda que se pretende adubar, e que deste modo nós só transportamos estes elementos nutritivos de uma parte da fazenda para uma outra parte; e por conseguinte a fazenda, empregando estrume, assim unicamente ha de forçosamente chegar a enfraquecer-se aos poucos, sendo, portanto, necessario ir procurar fóra da fazenda os elementos de alimentação necessarios ao desenvolvimento das plantas, para restituir ao terreno as forças nutritivas de que está desfalcado pelo consumo das anteriores colheitas de fructos vendidos, inconveniente esse que é facilmente removido com a applicação do adubo artificial.

Além da necessidade que existe em restituir á terra, por meio dos adubos chimicos, os elementos nutritivos absorvidos pelas plantas, accresce a circumstancia de que, com esse processo, outras vantagens são alcançadas:

I. A de prevenir, em tempo opportuno, por meio de sua propriedade em conter um só elemento, o exgotamento de uma ou outra substancia alimenticia.

II. A de restituir rapidamente ás terras cansadas a fertilidade, por conter os elementos nutritivos na fórmula mais elevada de assimilação.

III. A de preencher, facilmente, a falta do elemento alimenticio de que cada planta mais careça, pelo emprego do adubo que contenha o elemento exigido.

IV. A de tornar adaptavel o emprego do adubo chimico nos terrenos ingremes, por onde o transporte do esterco de estribaria se torna ás vezes de difficil e até mesmo de impossivel viabilidade.

V. A de rapidamente fazer recuperar ás plantas damnificadas pelas intemperies ou máos tratos o seu desenvolvimento primitivo.

VI. A de minorar ou mesmo evitar a influencia perniciosa do clima, bem como do logar, etc.

Accresce, no que diz respeito ao Brasil, que a produção do esterco de estribaria é extremamente diminuta em relação á extensão das terras cultivadas, e por isso fica quasi como unico recurso a necessidade de empregar-se o adubo chimico.

Conforme já dissemos, devemos sempre restituir ao solo os elementos alimenticios absorvidos pelas plantas, de cujas necessidades só chegaremos a ter conhecimento exacto, por meio de uma analyse chimica da planta, a qual, como é sabido, se compõe das seguintes materias :

Acido carbonico.

Agua.

Azoto.

Potassio.

Acido phosphorico.

Cal.

Magnesia.

Oxydo de ferro.

Acido sulphurico.

Chloro.

Soda.

Silica.

Por diversas experiencias feitas, ficou demonstrado que todas essas substancias (com excepção feita da soda e da silica, que, por consequente, não vem ao caso, em se tratando de adubação) são indispensaveis ao desenvolvimento das plantas e produção dos fructos, por cuja razão somos obrigados a fornecer á terra todas essas materias, com excepção feita dos dous elementos supramencionados. Como, porém, o acido carbonico, se encontra em larga escala no proprio ar, é esse elemento perfeitamente dispensavel na adubagem, assim como a agua que, pelo mesmo motivo, deixamos igualmente de tomar em consideração... Além disso, accresce a circumstancia que no solo existe, sempre sufficientemente, oxydo de ferro, acido sulphurico, chloro e magnesia, que tambem não influem na questão de adubação, devendo, por consequente, tomar-se sómente em consideração os seguintes elementos :

Potassio.

Acido phosphorico.

Azoto.

Cal.

Esses quatro elementos constituem a base de todo e qualquer processo de adubação, podendo, em consequencia, ser considerados como

«os elementos nutritivos» da planta. Si quizermos indagar do maior ou menor valor alimenticio de qualquer uma dessas substancias, seremos forçados a reconhecer que, todas as quatro tem o mesmo valor, porque ha uma lei denominada do *minimum*, que diz que «Aquelle elemento que existir no solo em menor proporção, determina a quantidade de produção».

Por exemplo: se o terreno contiver acido phosphorico e azoto em quantidade sufficiente para produzir 5.000 kilos de milho por hectare, porém, potassio em quantidade sómente sufficiente para produzir 2.000 kilos por hectare, a produção nunca será maior de 2.000 kilos de milho por hectare, porque, como por essa mesma lei, um elemento nunca substitue a outro, a falta de qualquer um delles prejudica a produção.

Se bem que as plantas careçam todas desses quatro elementos, todavia, a proporção, porque devam ser distribuidos, é sempre differente, conforme se verifica da seguinte tabella :

EM KILOGRAMMAS POR HECTARE

	POTASSIO	PHOSPHORO	AZOTO	CAL
Café	25	4	23	8
Fumo	125	75	130	—
Milho	190	50	115	—
Arroz	80	28	100	—
Algodão.	36	22	57	—
Canna de assucar	191	59	84	80
Cacáo	12	10	25	—
Côco pro 1.000 côcos.	9	1	4	—
Batatas inglesas	154	44	96	—
Batata doce	101	17	69	—
Trigo	44	34	81	—
Centeio	56	32	62	—
Cevada	48	26	60	—
Aveia	76	28	68	—
Feijão	138	52	206	—
Couve	293	50	130	—

Vantagens irrecusaveis dos contractos emphyteuticos

RABISCOS

Determinado pela necessidade de povoar e cultivar vastas propriedades do Imperio Romano, abandonadas, incultas e sitas pela maior parte em regiões longinquoas, ensaiaram os Imperadores a pratica que ao tempo de Justiniano se tornou vulgar — de arrendal-as por largos prazos ou *in-perpetuum* a preços sempre modicos e inferiores ás taxas communs dos arrendamentos.

Imitado este exemplo patriótico pelos proprietarios e igrejas que começaram tambem de aforar os seus grandes dominios despovoados — desenvolveu-se a instituição da emphyteuse, *pura invenção e economia*, como nota intelligentemente um publicista, *para melhor aproveitamento das grandes propriedades*.

Modificando-se profundamente na sua natureza e agrupando-se em torno della direitos e obrigações estranhos á sua indole, tornou-se a emphyteuse, até bem poucos seculos atraz, uma instituição odiosa, escravizados e deprimidos os emphyteutas, no intuito despótico de assegurar e fortalecer a supremacia e o poderio dos grandes proprietarios.

No Brasil a emphyteuse nunca revestiu este caracter odioso, nem mesmo no periodo colonial e embora a directa influencia dos costumes da *Metropole*, onde os emprazamentos eram praticados com ligeireza e deshumanidade notaveis.

As luctuosas, a pratica dos emprazamentos por vidas, os serviços pessoases, os direitos banaes e tantos outros privilegios restrictivos da liberdade dos foreiros em collisão com a indole totalmente liberal do povo brasileiro — jámais se infiltraram nos nossos costumes.

Verifica-las no Brasil, paiz novo que era e ainda é, as circumstancias que em Roma ao tempo dos Imperadores determinaram o surto e desenvolvimento dos arrendamentos perpetuos por preços modicos, tinha que se generalisar entre nós e effectivamente se generalizou a a pratica benefica destes emprazamentos, fazendo-se desta arte o povoamento e aproveitamento das vastas regiões do nosso territorio.

E si esta pratica produziu e tem produzido optimos resultados, não deve ser desprezada — convindo ao contrario desenvolvê-la e melhorá-la.

Que se não afaste destes velhos modos quem quer que se proponha povoar e fazer cultivar as zonas deshabitadas do nosso paiz, persistindo no systema fecundo de emprazar por condições sempre vantajosas e

liberaes as nossas terras por cultivar a estrangeiros que, sacudidos das respectivas patrias pela miseria e escassez do trabalho, escolheram o Brasil para campo de sua actividade!

Parece um alvitre seguro e efficaz no duplo ponto de vista de attrahir colonos e fixal-os permanentemente no paiz.

Banidos os empraçamentos por vidas, restam os aforamentos puros, que se caracterizam pela perpetuidade dos prazos e pela modicidade das pensões.

As normas juridicas reguladoras destes empraçamentos são preceitos antigos e tirados quasi todos do Direito Romano, mas são excellentes regras e garantem amplamente os direitos dos senhorios e emphyteutas, accentuando as obrigações respectivas.

A emphyteuse guia para o foreiro a obrigação de pagar todos os annos ou num prazo combinado o *canon* ou foro — pensão modica que não tem o character de renda, representando tão sómente o reconhecimento por parte do emphyteuta dos direitos do seu senhorio.

A nossa lei hypothecaria considera este foro um onus real e estabelece que elle passa com o immovel para o domicilio do comprador ou successor.

Deslocando o dominio util do senhorio para o emphyteuta, recahindo sobre terrenos destinados a edificação ou terras por cultivar, os contractos emphyteuticos definem seguramente a situação dos respectivos contractantes, garantindo ao foreiro direitos importantes, o direito de tirar dos terrenos ou terras que elle afora todas as vastagens comprehendidas no dominio util, o direito de realizar as bemfeitorias que pretender sem subordinação ou dependencia de qualquer ordem, o direito de aproveitar, como melhor lhe parecer as propriedades que empraçar, o de praticar nellas quaesquer alterações ou mudanças e, si preciso for, o de reivindicar-as.

As leis patrias conferem ainda ao emphyteuta a faculdade de hypothecar os bens aforados, sem que para isto tenha que pedir licença ao senhorio, não perdendo, porém, este, no caso de alienação, o direito de opção.

A's amplas faculdades conferidas aos foreiros entendeu o legislador admittir uma restrição, mantida atravez dos seculos e de conveniencia indiscutivel.

Consiste esta restrição na obrigação que tem o foreiro de pedir o consentimento do senhorio para vender bens aforados, assegurado ao senhorio o direito de adquirir o prazo e as bemfeitorias pelo preço que o comprador offerecer (direito de opção).

E esta obrigação do foreiro persiste, quer se trate de alienação por título oneroso ou gratuito, quer se trate de venda voluntaria ou necessaria, em virtude de sentença.

Para dar em dote bens emphyteuticos, por exemplo, tem o foreiro que pedir o consentimento do senhorio, embora lhe não pague na hypothese o laudemio.

Aos tabelliães é expressamente vedado lavrar escriptura de venda ou troca de terrenos foreiros da Prefeitura do Districto Federal sem que alludam nestas escripturas aos respectivos alvarás de licença, que são lançados em livros competentes e archivados nos cartorios.

Notificada a venda ao senhorio, tem este 30 dias para consentir na venda, ou exercer o seu direito de opção.

E si o senhorio opta, nem por isto está adstricto o foreiro a contractar com elle, podendo perfeitamente arrepender-se e deixar de vender-lhe o immovel.

Independentemente da licença do senhorio, pode o emphyteuta vender o seu immovel, si estiver transcorrido o prazo fatal de 30 dias contados da data da notificação.

Prestado pelo senhorio o consentimento, ao foreiro é licito vender a propriedade, antes mesmo do transcurso do prazo, não podendo o senhorio, embora dentro ainda dos 30 dias, arrepender-se de ter consentido para preferir comprar o immovel tanto por tanto.

Desde que o senhorio deixa de exercer o seu direito de opção, fica o foreiro a pagar-lhe pela desistencia o laudemio, adstricto, isto é, dous e meio por cento do valor da alienação comprehendidos neste valor total, não só o valor do terreno como também o das bemfeitorias.

Nestas ou melhores bases, mantidas sempre a modicidade das pensões e a perpetuidade dos prazos, preconisamos a emphyteuse como um systema digno de ser posto em pratica e desenvolvido, em se tratando de povoar e cultivar as nossas propriedades abandonadas.

O contracto emphyteutico torna o colono dono do lote que elle se propõe aproveitar e para adquirir sobre o lote todos os direitos muito pouco tem elle que despende — o que é fundamental.

Este incentivo, as garantias diversas que o colono encontra na lei, os elemento que se lhe antolham para adquirir fortuna (e outra preocupação não tem elle) concorrem para fixal-o permanentemente no paiz onde constitue familia e nessa os filhos, e tem conforto — e as vantagens desta permanencia são incontestaveis.

PEDRO LUIZ.

Rio, 22 — 3 — 07.

TRANSCRIPÇÃO

Agricultura

FACTOS

Os elementos que devem constituir o *ensino primario agricola*, pelo emprego da mechanica no trabalho da terra, estão definitivamente organizados na fazenda da Gamelleira.

Este serviço foi realizado em 4 mezes.

Lá o agricultor pode ver como se destoca, como se revolve a terra com o moderno arado «Chatanooga» de disco reversivel, como se destor-roa e como se grada; ver a tirada e conducção da agua que domina o terreno a plantar, como se faz a irrigação por inundação e como se faz a agua atravessar em terreno frouxo as depressões da superficie.

Verá mais a plantadeira mechanica e a regularidade e belleza do serviço por ella executado.

A licção mais proveitosa é saber por quanto tudo isto fica e verificar que fica por muito pouco dinheiro.

A verificação para os que lá vão, para os que lá forem, não é feita mostrando-se calculos no papel, mas fazendo-se as machinas trabalharem á luz do sol, sob a inspecção do interessado; e no fim do exame basta medir a área trabalhada, reparar para o pessoal que executou o serviço, para concluir pela economia assombrosa de semelhante serviço, comparado com o da enxada.

Os senhores fazendeiros, e têm sido muitos os que têm visitado o estabelecimento de *ensino primario agricola* da Gamelleira, estão disto convencidos: para os que o não fizeram ainda é que é escripto este artigo.

Outra circumstancia importante: o pessoal operario que está fazendo trabalhar estas machinas é o operario commum, o *enxadaeiro* que se encontra por toda a parte, muitos analphabetos infelizmente, e a direcção do mesmo serviço, depois do exame attento de como se systematiza o trabalho (e na Gamelleira vê-se o trabalhador systematisado)—está ao alcance da maioria dos agricultores actuaes.

Este primeiro instituto que o governo acaba de organizar é barato na installação, facil na execução pelo emprego do trabalhador agricola actual, evidente nos resultados, por que o terreno arado produz evidentemente muito mais que o trabalho á enxada, e as machinas são vendidas pelo governo, que as tem em *stock*, pelo preço do custo.

Teve-se todo o cuidado em trazer os diversos serviços differentemente especificados e assim, póde-se informar, o preço por hectare de des-

tocamento, o preço por hectare do destorroamento e gradagem e o preço por metro das cercas de arame que se fizeram, e do rego para a tirada d'agua. Especificar unidades de preço em serviço industrial é um progresso positivo: permite as empreitadas, diminue a fiscalização permanente e autoriza os orçamentos de previsão.

Tudo isto feito autoriza a afirmação do começo deste artigo:— está organizado pelo governo o primeiro instituto de *ensino primario* agrícola, e organizado com exito.

Damos a seguir o custo total da mão de obra dos trabalhos alli executados e a extensão total dos serviços.

Fazemos a exposição com lealdade.

A preocupação da economia foi grande, pois a primeira lição a dar-se é a da menor despesa possível para o maior resultado desejavel.

Mas é o primeiro serviço deste genero que se installa, e todo o mundo sabe que o primeiro esforço, em tudo, é sempre o mais difficil e o mais custoso. As outras installações, que o governo vae fazer por todo o Estado, custarão um pouco menos.

Não haverá nenhuma hesitação agora na sua organização.

Com o que vamos dizer adiante, sobre qualidades de terra, analyses e adubação chimica, não se devem perturbar os senhores fazendeiros.

A elles cumpre sómente saber tirar uma amostra de terras para ser analysada e saber depois collocar na terra os fertilisantes chimicos.

São duas cousas simplicissimas que em meia hora, si tanto, elles aprenderão em qualquer instituto destes.

A questão scientifica de analysar a terra, verificar si o adubo commercial tem as qualidades annunciadas ou foi falsificado, determinar, á vista da analyse, a qualidade e quantidade do adubo a empregar-se, tendo em consideração a terra e a natureza da planta que se quer cultivar—tudo isto será feito pelo chimico do governo, que já está trabalhando ha dois mezes e em condições de satisfazer esta delicada e essencial questão.

Será muito modica para o fazendeiro a despesa com o pagamento destes estudos: e só pagará a analyse da sua terra, talvez 20\$ por analyse (*)

SERVIÇO EXECUTADO NA FAZENDA MODELO DA « GANELLEIRA » A PARTIR DE
FINS DE NOVEMBRO DO ANNO PASSADO, DATA DE SUA INSTALLAÇÃO.

Nesse periodo foi lavrada a área total de 6 alqueires geometricos, incluídos os serviços de roçada, destocamento, remoção de tocos e lavra propriamente com machinas agricolas (arado, destorroador e grade).

(*)Nota da relação—Melhor fóra que não custou mais do que em mesmo um real ao agricultor.

TRANSCRIPÇÃO

Agricultura

FACTOS

Os elementos que devem constituir o *ensino primario agricola*, pelo emprego da mechanica no trabalho da terra, estão definitivamente organizados na fazenda da Gamelleira.

Estê serviço foi realizado em 4 mezes.

Lá o agricultor pode ver como se destoca, como se revolve a terra com o moderno arado «Chatanooga» de disco reversivel, como se destor-roa e como se grada; ver a tirada e conducção da agua que domina o terreno a plantar, como se faz a irrigação por inundação e como se faz a agua atravessar em terreno frouxo as depressões da superficie.

Verá mais a plantadeira mechanica e a regularidade e belleza do serviço por ella executado.

A licção mais proveitosa é saber por quanto tudo isto fica e verificar que fica por muito pouco dinheiro.

A verificação para os que lá vão, para os que lá forem, não é feita mostrando-se calculos no papel, mas fazendo-se as machinas trabalharem á luz do sol, sob a inspecção do interessado; e no fim do exame basta medir a área trabalhada, reparar para o pessoal que executou o serviço, para concluir pela economia assombrosa de semelhante serviço, comparado com o da enxada.

Os senhores fazendeiros, e têm sido muitos os que têm visitado o estabelecimento de *ensino primario agricola* da Gamelleira, estão disto convencidos: para os que o não fizeram ainda é que é escripto este artigo.

Outra circumstancia importante: o pessoal operario que está fazendo trabalhar estas machinas é o operario commum, o *enxadaeiro* que se encontra por toda a parte, muitos analphabetos infelizmente, e a direcção do mesmo serviço, depois do exame attento de como se systematisa o trabalho (e na Gamelleira vê-se o trabalhador systematisado) — está ao alcance da maioria dos agricultores actuaes.

Este primeiro instituto que o governo acaba de organizar é barato na installação, facil na execução pelo emprego do trabalhador agricola actual, evidente nos resultados, por que o terreno arado produz evidentemente muito mais que o trabalho á enxada, e as machinas são vendidas pelo governo, que as tem em *stock*, pelo preço do custo.

Teve-se todo o cuidado em trazer os diversos serviços differentemente especificados e assim, pôde-se informar, o preço por hectare de des-

tocamento, o preço por hectare do destorroamento e gradagem e o preço por metro das cercas de arame que se fizeram, e do rego para a tirada d'água. Especificar unidades de preço em serviço industrial é um progresso positivo: permite as empreitadas, diminui a fiscalização permanente e autoriza os orçamentos de previsão.

Tudo isto feito autoriza a afirmação do começo deste artigo:— está organizado pelo governo o primeiro instituto de *ensino primario* agrícola, e organizado com exito.

Damos a seguir o custo total da mão de obra dos trabalhos allí executados e a extensão total dos serviços.

Fazemos a exposição com lealdade.

A preocupação da economia foi grande, pois a primeira lição a dar-se é a da menor despesa possível para o maior resultado desejável.

Mas é o primeiro serviço deste genero que se installa, e todo o mundo sabe que o primeiro esforço, em tudo, é sempre o mais difficil e o mais custoso. As outras installações, que o governo vai fazer por todo o Estado, custarão um pouco menos.

Não haverá nenhuma hesitação agora na sua organização.

Com o que vamos dizer adiante, sobre qualidades de terra, analyses e adubação chimica, não se devem perturbar os senhores fazendeiros.

A elles cumpre sómente saber tirar uma amostra de terras para ser analysada e saber depois collocar na terra os fertilisantes chimicos.

São duas cousas simplicissimas que em meia hora, si tanto, elles aprenderão em qualquer instituto destes.

A questão scientifica de analysar a terra, verificar si o adubo commercial tem as qualidades annunciadas ou foi falsificado, determinar, á vista da analyse, a qualidade e quantidade do adubo a empregar-se, tendo em consideração a terra e a natureza da planta que se quer cultivar—tudo isto será feito pelo chimico do governo, que já está trabalhando ha dois mezes e em condições de satisfazer esta delicada e essencial questão.

Será muito modica para o fazendeiro a despesa com o pagamento destes estudos: e só pagará a analyse da sua terra, talvez 20\$ por analyse (*)

SERVIÇO EXECUTADO NA FAZENDA MODELO DA « GANELLEIRA » A PARTIR DE FINS DE NOVEMBRO DO ANNO PASSADO, DATA DE SUA INSTALLAÇÃO.

Nesse periodo foi lavrada a área total de 6 alqueires geometricos, incluidos os serviços de roçada, destocamento, remoção de tocos e lavra propriamente com machinas agricolas (arado, destorroador e grade).

(*)Nota da relação—Melhor fóra que não custasse nem mesmo um real ao agricultor.

O arado empregado é o de disco reversível « Chatanooga » que, além do grande rendimento de trabalho (mais do duplo do que faz o americano), tem a grande vantagem do pequeno gasto do disco. Em um arado que trabalha ha cerca de 4 mezes, verificou-se na circumferencia do disco um gasto de 1^{cent}, 5, apenas.

Para caminhos de serviço dividindo essa área em hectares, foram abertos 5.955^m de ruas, sendo 3 .735^m, com 4 metros de largura e 2.220^m, com 2 metros.

Como experiencia, foram plantados 4 hectares com batatas inglezas e feijão.

Essa área foi lavrada duas vezes com o arado, destorroadada, gradada e adubada com escoria Thomas e sulfato de potassa e cal, tendo de se empregar ainda no terreno plântado de batatas o salitre do Chile, si se tornar necessario.

As terras dessa fazenda foram analysadas no laboratorio da Escola de Minas de Ouro Preto. Para esse fim, em tres logares da fazenda em que as terras pareciam differentes, foram, com as precauções aconselhadas, tiradas tres amostras de terra. Essas analyses deram o seguinte resultado, por kilogramma de terra, para os principaes fertilizantes :

	Amostra n. 1	Amostra n. 2	Amostra n. 3
	gr.	gr.	gr.
Azoto.	0,80	1,05	1,11
Acido phosphorico	0,23	0,32	0,58
Potassa	0,10	0,43	0,24
Cal	0,1	1,10	1,78

Sendo a composição de uma terra regular (*) a seguinte :

	gr.
Azoto.	1,0
Acido phosphorico.	1,0
Potassa	1,0
Cal	10,0

Verifica-se que as terras da fazenda são pobres de acido phosphorico, potassa e cal, tornando necessario ajuntar esses elementos.

Baseados nesses dados e nos elementos fertilisantes retirados em colleitas regulares de batatas (20.000 kg.) e de feijão (1.257 kg.) por hectare, é que se calcularam os adubos empregados. Assim foram empregados por hectare os seguintes adubos :

(*) Nota da redacção — Esta regra não tem cabimento no Brasil, só serve para as terras da Europa.

	Patatas kg.	Feijão kg.
Escoria Thomas.	300	100
Sulfato de potassa.	252	100

A cal foi empregada em pequena quantidade, apenas cerca de 100 kg. por hectare, quando se poderia empregar até 700 kg. na mesma área. A escoria faz que se diminua a necessidade da cal.

Para separar o terreno de cultura do destinado à pastagem, foram feitos 790 metros de cerca de arame farpado com 5 fios e esteios de 1^m,60 acima do solo, diametro médio de 0^m,20, espaçados de dois metros.

A despesa com esse serviço foi a seguinte :

Pago por 22 rolos de arame farpado	271\$700
Idem por 20 1/2 duzias de dormentes tirados na fazenda.	102\$500
Feitio da cerca por empreitada, incluindo o fornecimento do restante dos moirões, a 250 réis por metro.	197\$500
Somma	571\$700

donde se vê que o metro corrente de cerca custa 723 réis.

Tirada da agua — Para a irrigação das culturas foi aberto um rego de 1.500 metros com a secção média de 0^m,50 × 0^m,60.

Esse serviço feito, parte por empreitada, a 100 e 150 réis o metro corrente, e parte a salario diario de 2\$500, custou 251\$; donde se verifica que o metro corrente do rego sahiu por 167 réis.

A despesa total feita com o pessoal operario da fazenda, até o dia 28 de fevereiro ultimo, monta a 3:931\$610, assim discriminada por mez :

Novembro	31\$250
Dezembro.	656\$500
Janeiro	1:613\$970
Fevereiro	1:622\$900
Somma.	3.924\$620

Os senhores fazendeiros são convidados a visitar a fazenda da « Gamelleira », para onde poderão mandar trabalhadores da sua confiança, que aprenderão em pouco tempo, uns 8 dias, a trabalhar com as machinas. O governo as tem em *stock* e póde fazer o fornecimento immediato dellas.

(Do Minas Geraes).

A « requeima » das batatas

A causa directa da « requeima » é um pequeno microbio — especie de cogumelo microscopico — denominado « *Phytophthora Infestans* ».

O primeiro symptoma da molestia é uma pequena descoloração da folha. A isso sobrevêm logo pequenas manchas pardacentas em seus bordos as quaes rapidamente se estendem e matam os tecidos da folha, tornando-se logo pardo escuras ou quasi negras. Em tempo secco essas manchas não se alastram muito, sendo, porém, o alastramento rapido quando a temperatura é humida. Destruídas as folhas, a molestia passa aos talos e, em casos graves, toda a parte externa da planta ennegrece e expede cheiro summamente desagradavel. Si se examinarem as costas das folhas com o auxilio de uma lente, far-se-á uma orla como môfo esbranquiçado, e semelhando farinha fina, mais ou menos distincta, cercando a mancha. E'ahi que se desenvolve o microbio; e, como em cada folha rapidamente se formam milhares de ovulos, facilmente se comprehende porque a molestia se estende rapidamente.

As proprias batatas propagam por si mesmas esta molestia, de estação em estação. Infectadas, seu aspecto é caracteristico: notam-se certas depressões pardas que com tempo as amollecem e apodrecem.

Entre uma e outra colheita a parte vegetante do microbio que permaneceu latente dentro dos tecidos das batatas infectadas, alastra-se com os rebentos e com estes se desenvolve. Ao alcançar as folhas sahem pelos póros, produzindo-se então os ovulos. Estes têm forma ovoide e succedem-se uns após outros.

Uma batata infectada pôde ser depois de plantada o centro de infecção de toda a plantação ou plantações que se avisinhem. As batatas sãs contagiam-se pôr dois modos: pelo alastramento continuo do microbio, que das folhas desce a alcança-l-as e pelos ovulos que as chuvas, ventos e outras causas põem em contacto com as proprias batatas ou tuberculos onde germinam e introduzem a decomposição.

Desde que a propria batata pôde, ella mesma, trazer a molestia incubada, deve merecer todo o cuidado a escolha de batatas para semente.

Convém não esquecer que nos paizes quentes a « requeima » encontra-se tambem nos tomateiros ou petunias, além de outras solana-ceas a cujo grupo pertencem as batatas.

MEDIDAS CURATIVAS — Certas variedades de batatas são menos susceptiveis que outras á « requeima ». Não existindo, porém, conhecimentos precisos sobre esta ou aquella variedade, só o estudo detido das

differentes espécies e da acção da molestia sobre ellas poderá indicar as espécies de batatas menos propensas ao mal.

Só se deve semear semente reconhecida sã, obtendo-as de regiões não infestadas pela molestia. Sendo isso difficil procure-se escolher a semente reputada mais sã. Ao approximar-se a época do plantio faça-se nova escolha e eliminem-se as batatas que tenham indício da molestia. Para guardar as sementes procure-se fazel-o sob telheiro, em lugar bem secco e arejado, examinando-as com frequencia para verificar si não ha atacadas por molestia.

A immersão das batatas que vão servir para sementes, em caldo bordelez, cuja mistura pôde ser a que mais abaixo indicamos, é recommendavel.

Collocada a mistura em um barril e por sua vez as batatas dentro de um sacco de tela de arame, mergulhe-se este sacco na mistura, retirando-o logo para seccar onde haja calor.

Dever-se-á ter em vista que, ainda que com esse banho se consiga matar os microbios que acaso estejam adheridos ás batatas, certo não se colherá o mesmo resultado contra aquelles que possam estar incubados dentro dellas.

Será por conseguinte necessario o exame continuado das batatas, para retirar as que demonstrem a menor decomposição.

Polvilhar as batatas com cal viva é tambem preservativo de valor.

Chegada a occasião de semear, procure-se fazel-o espaçando as diversas linhas da sementeira. Deve haver bastante terra cobrindo as sementes afim de evitar-se que ao infiltrar-se a agua as batatas não possam ser facilmente atingidas por ovulos. Em sementeiras de muito nitrogenio, quando se empregam adubos, são preferiveis os phosphatos e os saes de potassa. Entendido que a humidade favorece, quando excessiva, a formação da molestia, não deve ser descurado um bom desaguamento. A addição de grandes quantidades de cal preserva muito a colheita que se tiver de fazer em terrenos humidos de mais.

O meio mais effcaz de prevenir a « requeima » é a irrigação systematica com caldo bordelez, preparado da seguinte maneira: dissolvam-se dous kilos de sulfato de cobre em uns 20 litros de agua contida por uma vasilha de madeira, em seguida tomem-se dous kilos de cal misturando-os com a solução de cobre, agite-se tudo até que se misture bem, juntando-se logo a seguir a quantidade de agua precisa para ter-se 170 litros de mistura ou caldo. Ainda se deverá coar esse caldo para retirar toda a materia extranha.

Estas irrigações, constituindo medida preventiva, deverão effectuar-se antes que se verifique a existencia da molestia. Com o auxilio

de uma bomba far-se-á a primeira irrigação quando as plantas tenham de 15 a 25 cm. e se faça, duas vezes as mais depois, com intervallos de 10 dias.

Geralmente bastam duas irrigações, a segunda durante a floração; porém em temporadas chuvosas é bom effectuarem-se tres irrigações. Irriguem-se com especialidade as costas das folhas, pois é ali onde mais se desenvolve o microbio. Isto feito cuidadosamente é o bastante para prevenir o apparecimento de manchas esponjosas. Si se suspeitar da presença de insectos, poder-se-á juntar á mistura 120 grammas de verde-Pariz. Na segunda e terceira irrigação, si a folhagem estiver já endurecida, empreguem-se tres kilos de sulfato de cobre em vez de dous e, si chover dois ou tres dias depois de irrigar-se, convirá ser feita nova irrigação e o mais depressa possivel.

As sementeiras muito affectadas da molestia deverão ser aproveitadas sem delongas, retirando-se e queimando-se antes toda a folhagem.

Com isso se conseguirá destruir milhares de ovulos e se diminuirá o perigo de infeccionar as demais sementeiras proximas, tornando menos provavel que os ovulos adhiram as batatas. Ao se fazer a colheita tenha-se todo o cuidado em separar e queimar as batatas que mostrem o menor indício da molestia.

A irrigação é sempre conveniente de ser feita em todas as sementeiras de batatas, tenham ou não visivelmente a « requeima ». E' uma medida preventiva muito segura. Veja-se que o sulfato seja puro e a cal viva. Devem ser empregados pelo menos sete hectolitros de caldo bordelez por hectare.

(Do Boletim da Sociedade Agricola Mexicana)

VARIEDADE

Premio em favor da industria de phosphores, fibras, conservas, etc. — Camara Municipal de Macahé, 8 de janeiro de 1907.

Exm. Sr. Presidente do Estado — Cumprindo a determinação de V. Ex., em telegramma de hontem, envio junto cópia da resolução n. 226, promulgada em 23 de outubro de 1906 e apresentada em sessão da Camara Municipal em 22 do referido mez de outubro.

Aproveito a oportunidade para apresentar os meus protestos do alta estima e muita consideração. — José de Oliveira Lobo Vianna Junior, presidente da Camara.

RESOLUÇÃO N. 226 — DE 23 DE OUTUBRO DE 1906

O povo do municipio de Macahé por seus representantes, em sessão da Camara Municipal, approvou e eu promulgo a seguinte

Resolução

Art. 1.º Fica instituído um premio de cinco contos de réis, attendivel em dous exercicios consecutivos, para a fabrica de palitos e caixas para phosphoros, que primeiro se estabelecer nesta cidade e empregar exclusivamente madeiras deste municipio no fabrico dos referidos productos.

Paragrapho unico. Para que seja concedido o premio a que se refere este artigo o pretendente provará :

a) o regular funcionamento da fabrica ;

b) que a importancia da exportação annual é superior a vinte contos de réis.

Art. 2.º O órgão executivo poderá tornar extensivo o favor estatuido no artigo precedente a qualquer outra fabrica que se estabeleça nesta localidade, para exploração da industria do preparo de fibras de plantas textis das diversas existentes na flora do municipio — cordoaria, tecidos ou conservas de fructas do mesmo municipio, destinados á exportação e consumo local, mediante as condições estabelecidas no paragrapho unico, letras a) e b), do artigo antecedente.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades e funcionarios a quem o conhecimento e execução desta pertencer, que executem e façam executar tão inteiramente como nella se contém.

Publique-se e cumpra-se em todo o territorio do municipio.

Secretaria da Camara Municipal de Macahé, 23 de outubro de 1936. — *José de Oliveira Lobo Vianna Junior*, vice-presidente em exercicio.

Está conforme. — O official maior da secretaria, *Guilherme de Souza Rangel*.

Os insectos damninhos — Os norte-americanos prégam cruzada de morte contra os insectos damninhos que causam perdas ás plantações. As estatísticas de 1905 avaliam as referidas perdas em mais de 500 milhões de dollars. Existindo leis que prohibem a importação de animaes contaminados, não têm os Estados Unidos nenhuma que impeça a introdução, debaixo de qualquer forma, de insectos agentes de máo contagio para o homem, gado ou planta. Leis neste sentido são agora reclamadas com instancia, tanto mais quanto as colheitas em New-Hampshire, Rhode-Island, etc., estão ameaçadas de estragos irreparaveis. Sómente o Estado de Massachusetts tomou precauções, em leis, para conjurar o mal. Em França já ha inquietação pelos prejuizos que causam esses insectos. O Dr. Chatin, tratando ha pouco dos mosquitos de Pariz, demonstrou a urgente necessidade de combater a sua apparição, principalmente nos logares onde ha aguas estagnadas que attraem os insectos. Comtudo não se conhece um meio effcaz para exterminar os mosquitos. Têm-se ensaiado o petroleo, que deu resultado nos Estados Unidos em Cuba e em Ismailia (Egypto) onde os anopheles causaram uma epidemia de febres palustres, que fez 2.200 victimas. Mas as autoridades municipaes prohibiram esse systema por causa do perigo que representa, o toxico, que é o petroleo. Recommenda-se como bom meio para o exterminio, povoarem-se as aguas de peixes, pois que os peixes encarnados sobretudo são avidos de larvas de mosquitos ; tem-se pensado tambem obstruir, aterrando, os fôcos, o que é talvez o meio mais sensato e effcaz.

Mr. Peyrusson, professor de chimica na escola de medicina de Limoges, não está longe de crer que as pulgas sejam transmissoras da tuberculose e quer que se declare guerra encarniçada a esses insectos.

(Boletim da Sociedade Agricola Mexicana.)

Alcool do sabugo de milho — O Departamento da Agricultura dos Estados Unidos está desenvolvendo uma nova industria com a produção do alcool extrahido dos sabugos de milho que, segundo affirma aquelle Departamento, promete ser de grande valor commercial. Em Hoopestown se tem feito uma serie de investigações, as quaes provaram que as grandes quantidades de espigas desgranadas que annualmente se desperdicam, podem produzir alcool em quantidade sufficiente para justificar a installação de uma distillaria.

O Departamento conseguiu, com cuidadosos methodos de fermentação, um rendimento de 11 galões de alcool por tonelada de sabugos, e com igual procedimento 6 galões por tonelada de talos frescos. Uma dependencia official declara que essas provas demonstram que em uma tonelada de talos verdes existem 240 libras de materia fermentescivel, que dará quasi a metade de seu peso de alcool absoluto. Em numeros redondos: uma tonelada de talos verdes, produzirá 100 libras de alcool, ou 200 da metade da gradação.

Cancro nas arvores fructíferas — Em muitas arvores fructíferas se manifesta esta enfermidade que occasiona danos consideráveis.

Apparecem sobre os troncos das arvores manchas negras que invadem a casca, a zona do cambio e a lenhosa. Attribue-se a enfermidade a um fungo: a *hectria dilissima*, a qual parece se desenvolver sobre os tecidos mortificados.

Na pratica aconselha-se, apenas se descubra a alteração sobre o tronco ou ramos, se extirpar com um ferro cortante o cancro, até descobrir-se a parte lenhosa que não foi attingida pelo mal; isto feito, applica-se sobre a ferida o seguinte composto:

Colophonio	200 grammas
Alcool	20 »
Carvão em pó	100 »

Exploração do sertão paulista — A *Commissão Geographica e Geologica do Estado de S. Paulo*, chefiada pelo nosso operoso amigo Dr. João Pedro Cardoso, acaba de publicar mais um dos seus substanciosos volumes — o 2º — no qual vem minuciosamente descripto o rio Tietê, desde proximo das suas nascentes até a sua foz.

Com essa exploração, pôde-se affirmar, abriu-se caminho pelo far west, que hade ser em futuro visinho a bacia do grande rio Paraná, privilegiado entre todos os congêneres pela amenidade do clima, fertilidade da terra e favoravel topographia, elementos estes que, reunidos, como effectivamente o são, convidam o homem ao empreendimento de grandes culturas cerealíferas, executadas por processos exclusivamente mechanicos.

Temos a mais fundada esperança no futuro-daquella zona da promissão, que ainda hade ser o celeiro de abundancia do nosso paiz.

Parabens e calorosos applausos ao nosso amigo Dr. João Pedro Cardoso e aos seus infatigaveis collaboradores. — *Ahead!*

Rotterdam — Café — Conforme os algarismos dos Srs. G. Duuring & Zoon, as existencias nos portos americanos e europeos, no dia 1 de abril, eram orçadas em 626.900 toneladas, contra 618.903 toneladas em 1 de março e 550.000 toneladas no anno passado.

As entregas nos portos americanos e europeos, foram de 91.000 toneladas em março, contra 74.700 toneladas em fevereiro e 97.000 toneladas no anno de 1906.

O supprimento visível do mundo, no dia 1, era orçado em 923.300 toneladas, contra 904.500 toneladas em 1 de março e 640.700 toneladas no anno de 1906.

Colonisação em S. Paulo — Tivemos a satisfação de receber a visita do nosso amigo Dr. Rocha Paranhos, conhecido engenheiro, que, desde ha alguns annos, tem trabalhado com pesados sacrificios para fundar um nucleo colonial nas visinhanças do Rio Claro, onde agora se levanta a prospera e futura colonia *Jorge Tibiriçá*, antiga *Companhia Pequena Propriedade*.

S. S., que nos trouxe bellas amostras de alguns dos principaes productos alli cultivados, relatou-nos quanto o nascente nucleo tem prosperado, possuindo já uma pharmacia, uma fabrica de cerveja, sapataria, ferraria, padaria e varios negocios, além de uma serraria e duas olarias. Possuem os agricultores do nucleo algum gado vaccum, muitas cabras, grandes criações de aves, etc., devendo colher brevemente, para mais de 4.000 alqueires de milho e arroz.

Fazemos ardentes votos pelo feliz exito dessa patriótica empreza.

A industria assucareira no Estado de S. Paulo — Segundo o relatório do consul francez no Estado de S. Paulo, foi esta a produção do Estado em 1905 — 1906 :

	Toneladas
Piracicaba (usina).	3.371
Villa Raiffard »	2.058
Porto Feliz »	269
Lorena »	576
Monte Alegre »	770
Dumont »	620
Indaiá »	212
Pimentel »	420
Total	8.296

Redução de tarifas — O Sr. Dr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura recebeu de Pernambuco o seguinte telegramma:

« Assembléa dos lavradores, ante a crise resultante da execução do Convenio de Taubaté, nomeou uma commissão de tres membros para pedir ao Presidente do Estado providencias quanto a redução das tarifas. — *Luiz Corrêa.* »

Exportação da borracha do Estado Livre do Congo

	Kilogrammas
1900	5.316.534
1901	6.022.735
1902	5.350.452
1903	5.917.983
1904	4.830.939
1905	4.861.767
Total	32.300.410

Analyse chimica da borracha de Ceylão — A borracha a que se refere a analyse infra exposta, tinha dez dias de preparo, tendo sido fortemente prensada e pendurada para secar.

	Borracha humida	Borracha biscuit
Humidade	7,06	0,45
Cinza	0,18	0,34
Resina	1,92	2,01
Productos proteicos	3,67	2,37
Borracha	87,17	94,83
Total	100,00	100,00

Exposicion Ferial de 1906 — Recebemos do nosso consocio Sr. Lix-Klett, um numero dos *Anales de la Sociedad Rural Argentina*, que é verdadeiramente um fino lavor de arte, figurando nelle nitidas e numerosas gravuras, representando os mais bellos animaes exhibidos na ultima exposiçáo rural havida em Buenos Aires em 1905.

Gratos pela attenciosa remessa, pedimos a S. S. se digne de nos endereçar todo o qualquer trabalho que nos possa servir de estímulo e ensinamento.

Antonio Luiz dos Santos Werneck — A *Lavoura*, como órgão genuino da agricultura nacional, sente-se attingida pela irreparavel perda ocasionada com o prematuro desaparecimento do Dr. Antonio Luiz dos Santos Werneck, esclarecido lavrador no Estado de S. Paulo e redactor querido da nossa collega — *A Revista Agricola* — daquelle importante Estado.

Descendente de uma das mais illustres familias de agricultores da antiga provincia do Rio de Janeiro, o Dr. Santos Werneck sentiu-se, desde logo, attrahido para a honrosa e utilissima profissáo da lavra da terra, adquirindo uma vasta propriedade agricola na zona do Banharão, em S. Paulo.

Foi elle o primeiro introductor de instrumentos modernos para o cultivo exclusivamente mechanico dos cereaes, e tambem quem primeiro iniciou a colonisação das terras baixas junto ás fazendas de café.

Ao mesmo tempo que o saudoso Dr. Santos Werneck resolvia os mais serios problemas da nossa economia rural, tambem exercia com brilhantismo a profissáo de advogado, tirando della proventos pecuniarios e muitos louros. As sciencias juridicas e a agricultura nacional perderam, pois, um dos seus melhores mentores. — R. I. P.

Boletim do Comité Assucareiro — Recebemos o n. 3 do anno segundo do « Boletim do Comité Central dos Syndicatos Agricolas dos Estados Assucareiros », como sempre cheio de interessantes noticias e dados estatisticos da industria assucareira, a cuja propaganda tenaz e intelligente muito deve esta industria, como o attesta eloquentemente a prosperidade em que ora se encontra esta industria que se debatia decrepita nas garras da morte, quando a boa hora a sua sorte foi entregue ao alludido comité, composto de cidadãos illustres que desinteressadamente se collocam a frente dos grandes commettimentos que como este importam na grandeza da patria.

Piteiral nativo existente em Copacabana, no outeiro onde existe a lendaria—Egredinha, sob a invocação de *Nossa Senhora de Copacabana*, no Rio de Janeiro.

Esta photographia foi-nos offerecida pelo infatigavel propagandista das fibras textis, o Sr. Augusto Cambraia, aqui á vista junto a uma piteira.



Gratos pela lembrança, pedimos-lhe não se esquecer « d'A Lavoura », enviando-lhe outros trabalhos, desde que os tenha interessantes e dignos de publicidade.

Ao leitor, cumpre-nos lembrar o grande e importante papel que á nossa piteira está destinada a representar em nosso paiz dentro de curto futuro ; porquanto, já alguns industriaes vão ensaiando entre nós a cultura da preciosa planta com a precisa segurança, para que se obtenha o resultado que é capaz.

A piteira, que já é um thesouro para outros paizes, tambem ha de ser para nós !

Confiemos e trabalhemos !

Jean-Vilbouchvitch — Serve de epigraphe a estas ligeiras e sentidas linhas o nome de Jean Vilbouchvitch, vantajosamente conhecido no mundo agricola, cuja morte prematura, occasionada em janeiro passado, pranteia justamente o nosso importante collega « Journal d'Agriculture Tropicale », do qual era provecto director e abalisado redactor-chefe.

O illustre extinto nunca encontrou difficuldades, nem impossiveis, para occupar-se com maestria de qualquer assumpto agricola, revelando-se sempre um philosopho de ideias superiores, um scientista abnegado, como o attesta com eloquencia a collecção do « Journal d'Agriculture Tropicale » cujas gloriosas columnas foram sempre honradas com os luminosos e inegualaveis artigos magistraes de Jean Vilbouchvitch.

Pezames ao « Journal ».

Surucuina — Chamamos a attenção dos nossos operosos leitores para o annuncio que na secção competente inserimos da *Surucuina*, poderoso remedio contra a mordedura das cobras, esses terriveis inimigos dos homens do campo. Innumeros são os attestados que já possui o humanitario fabricante da *Surucuina*, dispensando, portanto, os nossos encomios ; estamos certos de que os nossos lavradores se premunirão da *Surucuina*, desejando entretanto que elles não tenham occasião de experimental-a em suas proprias pessoas.

Sociedade de Agricultura do Piahy — Do illustre secretario geral desta sociedade, Sr. Francisco de Moraes Corrêa, recebemos a carta infra, cuja gentileza agradecemos, desejando que a nova direcção desta util sociedade a colloque na altura que é merecedora :

« Therezina, 9 de dezembro de 1906.

Illm. Senhor — Tenho a honra de comunicar-vos, que em sessão da assemblea geral da Sociedade de Agricultura do Piahy, de 7 do corrente, foi eleita a seguinte directoria, que terá de dirigir os trabalhos da mesma sociedade, durante o anno vindouro :

Dr. Marcos Pereira de Araujo, presidente.
 Dr. Luiz Evandro Teixeira, 1º vice-presidente.
 Dr. Francisco Pires de Castro, 2º dito.
 Coronel Honório Parentes, 3º dito.
 Dr. Francisco de Moraes Corrêa, secretario geral.
 Major Agostinho Ferreira de Castro, 2º secretario.
 Dr. Thesandro Gentil Pedreira Paz, thesoureiro.

Apresento-vos os meus protestos da mais alta estima e consideração. —
Francisco de Moraes Corrêa, secretario geral.

Exportação de bananas de Costa Rica, em 1905 — Durante o anno de 1905 a exportação destes preciosos fructos subiu a 5.045.321 para os Estados Unidos cachos e a 2.237.779 cachos para Inglaterra.

Bananas na Inglaterra — Diz o *Times* em uma das suas locaes: « mais do que nunca cresceu este anno (1906) o consumo da banana na Inglaterra, de sorte que, a importação média mensal regulou em cerca de 100.000 cachos. Como curiosidade, as bananas rosa alcançaram o preço de 10 a 12 shls. por cacho en grosso. As bananas da terra, procedentes das Canárias, obtiveram igualmente optimos preços. Estima-se em 7.000.000 de cachos a importancia de bananas havidas em 1906 ».

O Brazil visto pelo Sr. P. Leroy Beaulieu — O Sr. Leroy Beaulieu escreveu em um artigo publicado no *Economiste Français*, o que se segue sobre o Brazil, que encontrámos no « Boletim da Associação Commercial do Rio de Janeiro », de onde transcrevemos:

« Se o Brazil continuar a permanecer calmo, se não se atirar a imprudencias financeiras, que lhe afugentariam os capitães europeus, de que carece, é certamente um paiz de immenso futuro.

Quasi tudo quanto é necessario á alimentação, vestuario e á satisfação de todas as necessidades da vida, pôde ser produzido em seu territorio immenso e variado.

Tem a vantagem de ser, de todos os paizes americanos, o mais approximado da Europa. De Lisboa, ultima escala européa, bastam oito dias para chegar a Pernambuco, o primeiro porto brasileiro, e dentro de quinze dias vae-se dos grandes centros de noroeste da Europa, da França, da Inglaterra, da Allemanha, aos principaes portos do Brazil Meridional, ao Rio, a Santos.

Dos Estados Unidos vae-se no mesmo tempo ás mesmas cidades.

No interior tem o Brazil facilidades de communicação, que as republicas andinas desconhecem, graças ao Amazonas e seus tributarios, no Norte, e ao Paraná, ao Paraguay e seus afluentes, no Sul.

Os caminhos de ferro, partindo das costas atlanticas, encontram sem duvida grandes difficuldades em transpor as collinas costeiras para alcançar os planaltos; entretanto, não se podem comparar esses obstaculos com os que as gigantescas cordilheiras dos Andes apresentam entre o Pacifico e o interior. »

O transporte de fructas nos Estados Unidos — Tomámos do *Boletim de la Sociedad Agricola Mexicana* a seguinte noticia sobre o transporte de fructas nos Estados Unidos:

« E' a Estrada de Ferro Central de Illinois a que transporta a maior quantidade de fructas em seus vagões frigorificos.

Em meiado de fevereiro tinha essa companhia 3.000 carros frigorificos em serviço. Para se formar uma pallida idéa da importancia do commercio de fructas e hortalicas nos Estados Unidos, basta se attentar para os seguintes algarismos:

A *Central de Illinois* transporta annualmente para mais de 18.000 vagões de bananas, procedentes 12.624 de Nova Orleans, 4.426 de Mobile e 1.086 de outros portos.

O movimento do transporte de fructas sóbe a um total annual de 30.000 vagões frigorificos, sendo só de laranjas 3.000 vagões. As melancias e melões fornecem carregamento para 600 vagões. Os trens de fructas e hortalicas correm com grande velocidade, fazendo o trajecto de Nova Orleans a Chicagó (912 milhas) em 47 horas.

Os carros de transporte de bananas são sempre acompanhados por uma pessoa encarregada especialmente de tomar a temperatura dos vagões de distancia em distancia. »

Duas novas especies de cafeeiros — Falla-se ultimamente na descoberta de duas novas especies de cafeeiros: *Coffea Congensis* e *Coffea Canephora*.

Dizem que o *C. Congensis* é originario do Congo, e prospera em terrenos temporariamente inundaveis. Seu aspecto é o do café commum. Quanto ao valor, muitos o discutem, dizendo-o de gosto detestavel; outros, pelo contrario, julgam-no igual ao do Brazil.

O *C. Canephora* é sylvestre no Gabon, é de grãos pequenos e muito saboroso.

Camphora na ilha Formosa — Durante o anno de 1905 foram exportadas da ilha Formosa 3.853.514 libras, das quaes 600.000 foram adquiridas pelo governo do Japão para as necessidades do exercito.

A safra do café em 1906 e 1907 — Estes Algarismos foram copiados da *Revista Commercial Americana*:

	Saccas
Brazil	16.500.000
Venezuela	650.000
Guatemala	580.000
Salvador	550.000
Haiti	400.000
Colombia	360.000
Mexico	300.000
Costa Rica	240.000
Nicaragua	150.000
P. Rico, S. Domingos e Jamaica	280.000
Java, India, etc.	520.000
Africa	300.000
Total	20.830.000

Cannas de semente na Guyana Ingleza — As seguintes variedades de cannas de sementes produziram por geira as quantidades aqui expostas:

Variedades de cannas	Produção em toneladas
D. 625	2,00
D. 109	1,72
D. 145	1,77
B. 147	1,56
B. 208	1,52

Consumo de assucar nos Estados Unidos em 1906

Procedencia	Quantidade
Cuba	2.700.000.000
Havahi	820.000.000
Porto Rico	450.000.000
Assucar produzido	1.300.000.000
Diversos	1.100.000.000
Total	6.370.000.000

Supprimento visivel do assucar a 7 de fevereiro

	1906	1907
	Ton. ladas	Ton. ladas
Europa	3.860.000	3.490.000
Estados Unidos	130.000	140.000
Cuba	50.000	170.000

PARTE COMMERCIAL

O café durante o mez de março de 1907

Rio

	Saccas
Entradas	352.421
Vendas	225.000
Embarques	165.547
Existencia a 31 de março de 1907	717.549

PREÇOS POR ARROBA

1ª quinzena				2ª quinzena			
N. 6	7\$000	—		N. 6	—	7\$000	
N. 7	6\$100 a 6\$200			N. 7	5\$900 a 6\$000		
N. 8	5\$800 a 5\$900			N. 8	5\$600 a 5\$700		
N. 9	5\$500 a 5\$600			N. 9	5\$400 a 5\$500		

Santos

Entradas	893.521
Sahidas	921.705
Existencia a 31 de março de 1907	2.743.900

PREÇO POR 10 KILOS

1ª quinzena				2ª quinzena			
N. 6	4\$766	—		N. 6	—	4\$766	
N. 7	4\$153 a 4\$221			N. 7	4\$017 a 4\$085		
N. 8	3\$949 a 4\$017			N. 8	3\$813 a 3\$881		
N. 9	3\$747 a 3\$813			N. 9	3\$676 a 3\$744		

O café no estrangeiro durante o mez de março de 1907

Em Nava York durante a 1ª quizenza do março, o n. 7, disponível foi cotado 7 3/8 cents. por libra em 5, 6, 7 e 9, e a 7 1/4 cents. nos demais dias.

O preço mais alto registrado na Bolsa foi 660 c. em 5, e o mais baixo 6 c. em 15, vigorando nos outros dias os seguintes: 6,50 c. em 6, 6,45 c. em 7, 6,40 c. em 4, 6,25 c. em 2 e 8, 6,20 c. em 1 e 9, 6,15 c. em 11, 12 e 13, e 6,05 c. em 14.

Vendas 683.000 saccas, contra 869.000 ditas na quizenza anterior.

Durante a 2ª quizenza o n. 7, disponível, foi cotado a 7 1/4 cents. por libra em 16, 18, 19, 22 e 23 e a 7 1/8 c. em todos os demais dias.

Na Bolsa os preços variaram entre os extremos de 6,20 c. em 23 e 5,75 c. em 27 e 28, tendo vigorado nos outros dias as seguintes: 6,05 c. em 22, 5,05 c. em 16 e 21, 5,90 c. em 18, 20 e 25, 5,85 c. em 19 e 26.

Venderam-se 40.000 saccas, contra 683.000 ditas na quizenza anterior, perfazendo um total de 1.090.000 saccas em março, contra 1.170.000 ditas em fevereiro.

Na Bolsa de Havre, durante a 1ª quizenza, os preços variaram entre 40,75 francos no dia 5 e 38,50 em 11, 12 e 15. Nos outros dias vigoraram os seguintes: 40,25 em 6, 40 em 4, 39,75 em 2 e 7, 39,50 em 1, 39,25 em 9 e 13, 39 em 8 e 38,75 em 14.

Venderam-se 340.000 saccas, contra 294.000 ditas na ultima quizenza de fevereiro.

O preço mais alto registrado na Bolsa do Havre durante a 2ª quizenza foi 39,50 francos, no dia 25, e o mais baixo 38,25 nos dias 18 e 28. Nos outros dias vigoraram os seguintes: 39,25 em 23, 39 em 21, 38,75 em 22 e 26, 38,50 em 16, 19, 20 e 27.

Vendas da quizenza 275.000 saccas, contra 340.000 ditas na quizenza precedente, ou sejam 615.000 saccas em março contra 595.000 ditas em fevereiro.

Os preços extremos registrados na Bolsa de Hamburgo, durante a 1ª quinzena de março, foram 32 pfennigs no dia 5 e 30.75 em 11, 12 e 15, tendo vigorado nos demais dias os seguintes: 31.75 em 4 e 6, 31.50 em 2 e 7, 31.25 em 1, 31 em 8, 9, 13 e 14.

Foram vendidas 214.000 saccas, contra 349.000 ditas na quinzena precedente.

Na Bolsa de Hamburgo, durante a 2ª quinzena, registrou-se o preço mais alto, 31.23 pfennigs, em 15 e o mais baixo 30 pfennigs, em 19. Nos demais dias regularam os seguintes: 31 em 21 e 23, 30.75 em 26 e 27, 30.50 em 16, 18, 20 e 22, 30.25 em 28.

Foram vendidas 139.000 saccas, contra 214.000 ditas na primeira quinzena, sendo as vendas em março 353.000 saccas, contra 539.000 ditas em fevereiro.

O preço mais alto registrado na Bolsa de Londres, durante a 1ª quinzena, foi 32 s. em 5 e o mais baixo 29 s. 9 d. em 12. Nos outros dias foram os seguintes: 31 s. em 4 e 6, 30 s. 9 d. em 1, 2 e 7, 30 s. 3 d. em 8, 9, 11, 13 e 14, 30 s. em 15.

Vendas da quinzena 106.000 saccas, contra 139.000 ditas na quinzena anterior.

Quatro foram os preços que vigoraram na Bolsa de Londres, durante a 2ª quinzena: 30 s. em 16, 18 e 19, 30 s. 3 d. em 22 e 23, 30 s. 6 d. em 20, 21, 23, 26 e 27, 30 s. 9 d. em 25.

Vendas 34.000 saccas, contra 106.000 ditas na quinzena anterior e no mez de março 140.000 saccas, contra 225.000 ditas em fevereiro.

Venda total nas Bolsas acima nomeadas

Total das vendas nas quatro Bolsas 855.000 saccas, contra 1.343.000 ditas na quinzena precedente, ou sejam 2.198.000 saccas em março, contra 2.529.000 ditas em fevereiro.

Existencia do café nos portos americanos no mez de março

Existencia nos portos americanos 3.507.000 saccas, entregas da semana 78.000 saccas, e supprimento visível 3.947.000 saccas, contra 3.521.000, 100.000 e 3.993.000 saccas na semana anterior, e 3.696.000, 120.000 e 3.902.000 saccas no anno passado.

Aguardente

1ª QUINZENA DE MARÇO

Os supprimentos recebidos nesta quinzena montaram a 717 pipas, de diversos centros productores, e os preços dos vendedores eram os seguintes, por pipas de 480 litros, base de 20 grãos.

Campos	125\$000 a 130\$000
Angra	130\$000 a 135\$000
Paraty	135\$000 a 140\$000
Maceió	125\$000 a 130\$000
Aracaju	125\$000 a 130\$000
Pernambuco	125\$000 a 130\$000
Bahia	125\$000 a 130\$000
Parahyba	125\$000 a 130\$000
Laguna	130\$000 a 135\$000
Itajahy	130\$000 a 135\$000
Mangaratiba	130\$000 a 135\$000
Paranaguá	130\$000 a 135\$000

As entradas nesta quinzena foram pequenas, constando de 374 pipas, de diversas procedencias e os preços regularam os seguintes, por pipa de 480 litros.

Campos	115\$000 a 120\$000
Angra	125\$000 a 130\$000
Paraty	125\$000 a 130\$000

Maceió	120\$000 a 125\$000
Aracaju	120\$000 a 125\$000
Pernambuco	120\$000 a 125\$000
Bahia	120\$000 a 125\$000
Parahyba	120\$000 a 125\$000
Laguna	125\$000 a 130\$000
Itajaby	125\$000 a 130\$000
Mangaratiba	125\$000 a 130\$000
Paranaguá	125\$000 a 130\$000

Alcool

As entradas durante a 1ª quinzena subiram a 725 volumes e os preços conforme a procedencia e qualidade, por pipa, regularam como segue, sem o casco :

40 grãos.	210\$000 a 220\$000
38 grãos.	200\$000 a 210\$000
36 grãos.	190\$000 a 195\$000

As entradas, entretanto, foram pequenas e orçaram em 273 volumes, de diversas procedencias, subsistindo para explicar este resultado o augmento do genero nas localidades produtoras.

O mercado ficou frouxo e com tendencia para maior baixa, tendo os preços regulado como se segue, conforme a procedencia e qualidade por pipa, sem o casco :

40 grãos.	200\$000 a 210\$000
38 ditos	170\$000 a 180\$000
36 ditos	160\$000 a 170\$000

Algodão

ALGODÃO EM RAMA — Perdurou a firmeza do mercado, tendo-se feito negocios regulares a preços que registraram alta, mais ainda assim, consideravelmente inferiores aos dos mercados productores.

O movimento geral do mercado foi o seguinte :

	Fardos
Existencia em 28 de fevereiro	18.525
Entradas :	
Pernambuco.	3.952
Sergipe	2.460
Maceió	1.800
Ceará.	1.643
Mossoró	1.500
Assú	890
Maranhão	214
Parahyba	200
Penedo	100
	12.759
	31.284
Sahida	12.015
Existencia no dia 15 de março	19.269
Preços :	
Pernambuco	11\$000 a 11\$400
Rio Grande do Norte.	10\$800 a 11\$400
Parahyba	10\$800 a 11\$300

ALGODÃO EM RAMA — Esteve ainda bem sustentado; porém, em poucos negócios por se acharem os compradores bem supridos, como demonstram as grandes entradas :

O movimento geral do mercado foi o seguinte :

	<i>Fardos</i>
Em 15 de março.	12.269
Entraram de :	
Sergipe	2.973
Natal.	1.900
Maceió	1.900
Parahyba	1.300
Penedo	1.155
Pernambuco.	398
Ceará.	330
Maranhão	65
	10.051
	29.329
Sahidas	9.571
	19.749
Deposito do dia 31 de março.	

Preços :

Pernambuco.	11\$000 a 11\$500
Rio Grande do Norte	10\$500 a 11\$400
Parahyba	10\$800 a 11\$300
Penedo	11\$000 a 11\$200
Sergipe	10\$700 a 11\$200

Assucar

ASSUCAR — No correr da segunda quinzena este ramo de negocio permaneceu no mesmo estado de paralyzação em que esteve na quinzena anterior, do que resultou modificação embora pequena em preços, em geral; nos ultimos dias, porém, notou-se qualquer indicio de avigoramento no mercado, que fechou com mais estabilidade.

Neste periodo entraram 55.721 saccas; as sahidas foram de 43.695 saccas, orçando-se a existencia em 325.281 saccas.

Os preços regularam como se segue:

Pernambuco:

Branco usina	—	—
Dito crystal.	\$360 a	\$370
Mascavinho.	\$280 a	\$320
Crystal amarello	\$280 a	\$300
Mascavo bom	\$220 a	\$230
Dito bruto	\$200 a	\$210

Campos:

Branco crystal.	\$360 a	\$370
-------------------------	---------	-------

Sergipe:

Branco crystal.	\$340 a	\$360
Crystal amarello	\$280 a	\$300
Mascavinho.	\$260 a	\$300
Mascavo bom	\$210 a	\$220
Dito regular	\$200 a	\$205

Bahia :

Branco crystal.	—	\$400
-------------------------	---	-------

Generos nacionaes

	1ª quinzena	2ª quinzena
	Saccos	Saccos
Feijão preto de Porto Alegre	17\$500 a 18\$500	18\$000 a 19\$000
Dito velho	—	—
Dito idem de Santa Catharina	16\$500 a 20\$000	Não ha
Dito de côres, nacional	16\$500 a 20\$000	16\$000 a 20\$000
Dito branco, estrangeiro	21\$500 a 22\$500	22\$000 a 23\$000
Dito amendoim, idem	21\$500 a 22\$000	22\$000 a 23\$000
Farinha de mandioca, especial	9\$000 a 9\$500	9\$000 a 9\$500
Dita idem fina	8\$400 a 8\$600	8\$400 a 8\$600
Dita idem, peneirada	8\$000 a 8\$200	8\$000 a 8\$200
Dita idem do Norte	6\$000 a 6\$500	6\$000 a 6\$500
Dita idem, grossa, Laguna	6\$000 a 6\$500	6\$000 a 6\$500
Dita idem, idem, P. Alegre	6\$000 a 6\$500	6\$000 a 6\$500
Arroz nacional	26\$000 a 31\$000	25\$000 a 31\$000
Dito inferior	22\$000 a 24\$000	18\$000 a 23\$000
Dito da India	27\$500 a 28\$000	— 28\$000
Milho amarello do Norte	6\$800 a 7\$000	6\$000 a 6\$200
Dito idem, da terra	6\$800 a 7\$000	6\$200 a 6\$500
Dito branco idem	Nominal	Nominal
Amendoim em casca	— 5\$000	5\$000 a 5\$500
Cangica	17\$000 a 20\$000	16\$000 a 18\$000
Favas	Não ha	Não ha
	Kilogrammas	Kilogrammas
Alpiste	\$360 a \$400	\$360 a \$400
Fubá de milho	\$120 a \$200	\$120 a \$200
Matte em folha	\$500 a \$600	\$500 a \$300
Tapioca	\$200 a \$320	\$200 a \$300
Polvilho	\$280 a \$340	\$300 a \$320
Carne de porco	\$960 a 1\$000	\$960 a 1\$000
Linguas do Rio Grande	1\$400 a 1\$500	1\$400 a 1\$500

Tabaco

	1ª quinzena	2ª quinzena
De Minas, especial	1\$500	1\$500
Dito superior	1\$300	1\$300
Dito 2ª	1\$000	1\$000
Dito ordinario	\$800	\$800
Goyano, superior	2\$400	2\$300
Dito 2ª	1\$700	1\$700
Baixo	Nom.	Nom.
Rio Novo superior	2\$600	2\$600
Dito 2ª	1\$800	1\$300
Dito baixo	1\$200	1\$200
Pomba superior	1\$300	1\$600
Dito 2ª	1\$200	1\$200
Dito baixo	Nom.	Nom.
Carangola	1\$600	1\$600
Picu, especial	2\$800	2\$800
Dito 1ª	2\$000	2\$000
Dito 2ª	1\$200	1\$200
Bahia	1\$100	1\$100
Pernambuco	\$600	\$600
FUMO EM FOLHA :		
Rio Grande, 1ª escolha	\$600	\$600
Dito, 2ª dita	\$500	\$500
Bahia, 1ª escolha	1\$500	1\$500
2ª dita	\$900	\$900
3ª dita	\$500	\$500
4ª dita	\$400	\$400

Frete do Rio

Nova York, 1.000 kilos . . .	35 c.	e	5 %	35 c.	e	5 %
Nova Orleans, 1.000 kilos . . .	35 c.	e	5 %	35 c.	e	5 %
Havre, 900 kilos.	37.50 frs.	e	10 %	37.50 frs.	e	10 %
Bordôes, 900 kilos	40 frs.	e	10 %	40 frs.	e	10 %
Marselha, 1.000 kilos	40 frs.	e	10 %	40 frs.	e	10 %
Hamburgo.	40 shil.	e	5 %	40 shil.	e	5 %
Bremen	40 shil.	e	5 %	40 shil.	e	5 %
Londres 1.000 kilos.	40 shil.	e	5 %	40 shil.	e	5 %
Southampton, 1.000 kilos . . .	— shil.	e	5 %	40 shil.	e	5 %
Liverpool	35 shil.	e	5 %	35 shil.	e	5 %
Genova, 1.000 kilos.	40 frs.	e	10 %	40 frs.	e	10 %
Trieste, 1.000 kilos.	40 shil.	e	5 %	40 shil.	e	5 %
Constantinopla	52.50 frs.	e	10 %	61.50 frs.	—	—
Smyrna, 1.000 kilos	— frs.	e	10 %	61.50 frs.	—	—
Oran	51.50 frs.	e	10 %	62 frs.	—	—
Alger	51.50 frs.	e	10 %	51.50 frs.	e	10 %
Rotterdam.	40 shil.	e	5 %	40 shil.	e	5 %
Antuerpia, 1.000 kilos	40 shil.	e	5 %	40 shil.	e	5 %
Copenhague	52 1/2 shil.	e	5 %	42 6/8 shil.	—	—
Odessa	55 frs.	e	10 %	66.50 frs.	—	—
Christiania	52 shil.	—	—	52 shil.	—	—
Cadiz	35 frs.	e	10 %	35 frs.	e	10 %
Cape Town, 1.000 kilos.	— shil.	e	2 1/2 %	—	—	—
East-London, 1.000 kilos	— shil.	e	2 1/2 %	—	—	—
Buenos Aires, sacca	1\$200	—	—	1\$200	—	—
Montevideo, sacca	1\$200	—	—	1\$200	—	—
Valparaíso, 1.000 kilos.	46 shil.	e	5 %	47 6/8 shil.	e	5 %

Importação de generos alimenticios de origem estrangeira no Rio de Janeiro, durante o mez de março de 1907

Alfafa	1.054 fardos . . .	\$160 a	\$175 o kilo.
Arroz	400 saccos . . .	27\$000 »	28\$000 » sacco.
Azeite	3.657 caixas } 8 barris }	23\$500 »	29\$000 a lata de 16 litros
Bacalháu	8.439 caixas . . .	47\$000 »	52\$000 a caixa.
	4.411 tinas . . .	44\$000 »	52\$000 a tina.

Stock a 31 de março de 1907 — 12.000 volumes.

Batatas 4.854 caixas—nominal.

Banha.	550 caixas . . .	1\$720 a	1\$800 o kilo.
	6.400 barris . . .		
Carne secca	12.600 fardos . . .	\$620 a	\$800 o kilo.
Cervejas	80 caixas . . .	nominal.	
Chá.	182 caixas . . .	6\$000 a	9\$000 o kilo.
Ervilha	405 saccas . . .	\$640 a	\$700 o kilo.
Feijão	1.725 saccos . . .	21\$500 a	23\$000 o sacco.
Farinha de trigo	26.800 barricas . .	20\$000 a	22\$000 a barrica.
Genebra	2.470 caixas . . .	31\$000 a	33\$000 a caixa.
Gordura	30 bordelezas . .	\$650 a	\$680 o kilo.
Manteiga	525 caixas . . .	1\$650 a	2\$700 a lata.
Massas	36 caixas . . .	preços nominaes.	
Milho	200 saccos . . .	preços nominaes.	
Oleo de linhaça.	1.214 barais . . .	\$800 a	\$900 o kilo.
	202 caixas . . .		
Passas.	24 caixas . . .	14\$000 a	16\$000 o kilo.
Pimenta	381 saccos . . .	1\$450 a	1\$500 o kilo.
Pinho suco	742 pés . . .	80\$000 a	82\$000 a duzia.

Pinho Spruce.	80\$000 a dúzia.	
Pinho resina.	1.859.342 pés . .	100\$000 a 110\$000 a dúzia.
Pinho americano	sem entrada . . .	a \$280 o pé.
Presunto	147 caixas . . .	2\$900 a 4\$200 o kilo.
Sal (nacional)	3.908.999 kilos. .	1\$800 a 2\$000 40 litros.
Toucinho.	74 caixas . . .	preços nominaes.
	8 barris.	
Vinhos.	6.277 pipas. . .	300\$000 a 380\$000.
	26.480 caixas. .	

O vinho nacional foi cotado de 170\$ a 190\$ a pipa.

Productos tropicaes no mez de fevereiro

Francos

Borracha fina.	14,15 a 14,25 por kilo.
Borracha Sernamby	10,50 a 11,25 por kilo.
Borracha Caucho	8,70 a 9 por kilo.
Berracha Manlçoba	8,75 a 10,50 por kilo.

Movimento da borracha durante 12 mezes terminados a 31 de dezembro

1906

Estados Unidos.	67.907.489 libras.
Allemanha	37.372.720 libras.
França	30.932.440 libras.
Belgica	20.765.841 libras.
Grã-Bretanha	67.992.624 libras.

Cotação do café na Europa em fevereiro de 1907

Francos

Café (Santos).	37, 75 por 50 kilos.
Café (Porto Rico).	75 por 50 kilos.
Café (Moka)	105 por 50 kilos.
Café (Bourbon)	170 por 50 kilos.
Cacáo (Pará).	107 a 112 por 50 kilos.
Cacáo (Bahia).	103 a 109 por 50 kilos.
Cacáo (Guayaquil)	100 a 112 por 50 kilos.
Fibra de piteira	88 por 100 kilos.
Fibra de manilha	104 a 110 por 100 kilos.
Fibra de Linho da N. Zelândia	90 a 98 por 100 kilos.
Kapok	170 a 180 por 100 kilos.
Copa (noz de coco)	61 a 66 por 100 kilos.
Oleo de palma	74 a 78 por 100 kilos.
Gergelim	38 por 100 kilos.
Amendoim descacado	32 a 43 por 100 kilos.
Polvilho de mandioca	35 a 36 por 100 kilos.
Urucu	62 a 65 por 100 kilos.
Baunilha	12 a 35 por 1 kilo.
Bananas	4 a 6 sh. por cacho.

LONDRES

Toranja	7 a 9 sh. por caixa.
Laranja	8 a 10 sh. por caixa.
Abacaxis	1 sh. 6 d. a 3 sh. 6 d. por caixa.
Gengibre	56 sh. a 85 sh. por 50 kilos.
Cacáo	79 sh. a 96 sh. por 50 kilos.
Coco (Nova York)	21 a 24 dollars por milheiro.

Productos brasileiros em Londres no mez de abril de 1907

Algodão — Depois de continuar firme por uma semana, tendo subido 10 pontos, o mercado enfraqueceu e, pelo restante do periodo que agora passamos em revista, esteve em baixa, devido á continuação de entradas avultadas nos portos americanos, á diminuição na procura e também ao estado de perturbação do mercado financeiro em Nova York, mostrando hoje as cotações de algodão disponível uma redução de 25 a 27 pontos para o de «Low Middling» e «Middling» e 21 pontos nas qualidades superiores.

Nas descrições brasileiras effectuaram-se nos principios do mez negocios regulares, em comparação com as existencias reduzidas, mas recentemente a procura tem diminuido muito e as cotações baixaram 25 pontos da data da nossa ultima, enquanto que tem havido poucas ou nenhuma transacções a chegar, restringindo-se muito tanto a quantidade á offerta como á procura.

Nas descrições — Egyptios — a baixa nas cotações importa em $\frac{1}{4}$ d. p lb. para o algodão disponível.

A existencia no dia 27 de março do do Brasil era 45.380 saccos contra 50.670 saccos em igual época do anno passado e de todas as descrições 1.247.580, contra 1.103.720 fardos em 1906 e 811.740 fardos em 1905.

Assucar — Apesar de ter mostrado o mercado de beterraba bastante irregularidade durante o mez passado, em geral tem havido mais firmeza. Os refinadores allemães têm continuado a comprar francamente de tempo a tempo, e os preços por fim, não obstante muitas oscillações, fecham com uma alta de 2d. a 2d. e uma fracção p. cwt., para as entregas da safra corrente, mostrando, porém, as da safra vindoura pouca alteração da data da nossa ultima.

Para o assucar disponível tem havido procura regular, mas os supprimentos de assucar de canna para o Reino Unido têm continuado restrictos e os compradores ainda mostraram muita cautela. Os refinadores não querem pagar os preços actuaes, queixando-se da pequena margem de lucro sobre os seus productos; os consumidores por outro lado não indicam qualquer anciedade para vender e em consequencia as transacções têm sido de pouca importancia, tendo-se noticiado vendas de 1.000 toneladas do de Jagghery, embarque março/abril, a 8/6 p. cwt. posto em terra para Londres e recentemente 500 toneladas do de Java, chegadas, a 10/3 p. cwt., a bordo, base de Pol. 93, para o rio Clyde.

Em Liverpool o mercado tem estado firme, mas com os negocios restrictos pela falta continuada de supprimentos; não houve mais chegadas do Brasil, mas collocaram-se todas as partidas armazenadas, vendendo-se :

Saccos do de Maceió :

2.600 Pol. 85 ex «Mira» a 8/9 p cwt.

Saccos do de Parahyba :

1.556 Pol. 85⁷⁰ ex «Traveller» a 8/6 »

Do do Perú, granulado, venderam-se a chegar Cayalti, 400 toneladas pelo «Chaucer», base de Pol. 96 a 10/4 $\frac{1}{2}$ d. p. cwt. e uns 4.500 saccos, do caes, granulado baixo a 9/9, e Siropa a de 8/3 a 9/ p cwt.; também notaram-se vendas de umas 2.600 toneladas do de São Domingos granulado, a de 9/10 $\frac{1}{2}$ d. até 10/4 $\frac{1}{2}$ d. p cwt., no caes para o rio Clyde.

Cotações do «Produce London Clearing House, Limited», para o de beterraba base do Pol. 88: abril 9/2 $\frac{3}{4}$; maio 9/3 $\frac{1}{2}$; junho 9/2 $\frac{3}{4}$; julho 9/4 $\frac{1}{4}$; agosto 9/4 $\frac{1}{2}$; setembro 9/4 $\frac{1}{2}$; outubro/dezembro 9/1; janeiro/março de 1907 9/2 $\frac{1}{2}$ p cwt.

Borracha — Até os meados do mez passado o mercado esteve calmo e inactivo, mas com pouca alteração nas cotações; durante a quinzena passada, porém, em consequencias das entradas maiores no Pará, tem prevalecido certa fraqueza e decididamente mais pressão para vender. Effectuaram-se negocios consideraveis a preços sempre em baixa, principalmente da fina dura do Pará, e da bala caúcho, tanto de borracha disponível como para entrega futura, regulando as vendas da fina boliviana de 5/1 $\frac{1}{4}$ d.; até 5/, fina dura de 5/1 até 4/11 d.; de fina molle e peruana de 5/0 $\frac{1}{2}$ d. até 4/10 $\frac{1}{2}$ d. p lb., enquanto que as de bala caúcho têm sido de 3/9 até 3/7 $\frac{3}{4}$ d. p lb., fechando o mercado frouxo e ainda com vendedores da fina ás nossas cotações. O preço de Sernamby também soffreu uma redução de cousa de 1 d. a 2 d. p lb., havendo vendas da de Manãos superior a 3/10 $\frac{3}{4}$ d. p lb.

A de Matto-Grosso tem sido pouco procurada e as transacções restringiram-se a uma partida em leilão de 67 fardos, virgem superior e sortida, de 4/7 $\frac{1}{2}$ d. a 4/7 $\frac{1}{4}$ d., ordinária a 4/4, e Sernamby bom a 3/10 p lb. e a umas pequenas partidas por trato particular, de virgem um pouco misturada a 4/7 $\frac{1}{4}$ d. p lb e de Sernamby regular a 3/10 p lb.

As descripções medianas em geral têm sido menos procuradas e os leilões correram com pouca animação, vendendo somente uma pequena porção a preços baixos; da de Mangabeira de Matto-Grosso, porém, effectuaram-se vendas de boa qualidade, por trato particular, aos preços anteriores.

A existencia nos armazens da do Pará em 31 de março, em Liverpool e Londres, era 810 toneladas contra 913 toneladas; da do Perú 347 toneladas contra 181 toneladas, da do Matto-Grosso 73 toneladas contra 110 toneladas, e de todas as descripções, 2.722 toneladas contra 2.068 toneladas, em igual periodo do anno passado.

Estatisticas do Pará para o mez de março :

	TONELADAS		
	1907	1906	1905
Entradas no Pará, inclusive as do Perú.	5.830	3.700	5.000
(Junho 31 de 1906 até 31 de Março de 1907), 29.390 tons. contra 28.020 em 1905/1906.			
Embarques para Europa.	2.810	2.510	2.200
(Em igual periodo 13.76) toneladas contra 16.155 em 1905/1906.)			
Embarques para a America do Norte.	2.450	1.870	2.660
(Em igual periodo 14.710 toneladas) contra 11.835 em 1905/1906			
Existencia em 1ª mão no Pará.	270	110	470
Existencia em 2ª mão no Pará.	880	80	550
Existencia na America do Norte.	240	720	550

O total do supprimento visível da do Pará, incluindo a do Perú, no dia 31 de março, importava em 5.357 toneladas contra 5.014 toneladas em igual periodo do anno anterior e 4.622 toneladas, do anno 1905.

As entradas no Pará para o mez de março importaram em 4.540 toneladas da do Pará e 1.290 toneladas da de caúcho peruano contra 2.820 toneladas e 880 toneladas respectivamente em igual periodo do anno passado.

Algodão por libra :

	s	d
De Pernambuco, «fair»	6.74	—
» » » «mid fair»	6.12	—
Do Ceará, «fair»	6.89	—
» » » «mid fair»	6.29	—
Da Parahyba, «fair»	6.71	—
Do Rio Grande «fair»	6.71	—
» Maranhão, «mid fair»	6.11	—
» » » «fair»	6.71	—
De Maceió, «fair»	6.73	—
» » » «mid fair»	6.13	—

Assucar (do Brasil), por 112 libras.

Do caes, em Liverpool :

	s	d	s	d
Pernambuco regular a boa, Pol. 84° a 88°	8	3	8	9
Pernambuco centrifugo, Pol. 95° a 97°	10	1 $\frac{1}{2}$	10	4 $\frac{1}{2}$
Maceió e Rio Grande, Pol. 82° a 86°	8	0	8	6
Parahyba, rapadura, Pol 78° a 80°	7	6	7	9
Parahyba, bruto, Pol. 82° a 84°	8	0	8	3

Borracha, por libra :

Do Pará, fina nova dura.	4	11	—	—
Do Pará fina nova molle.	4	10	—	—
Do Pará entrefina	4	8	4	9
Do Pará Sernamby, superior.	3	10	3	10½
Do Pará, Sernamby, ilha	2	11	2	11½
Do Pará, Sernamby, Cametá	3	0	—	—
Boliviana, fina.	4	11½	—	—
Mollendo dita.	4	10	—	—
De Matto-Grosso, ontrefina (defumada)	4	9	4	10
De Matto-Grosso, virgem (não defumada)	4	6	4	8½
Do Matto-Grosso, Sernamby.	3	8	3	9
Do Perú, bala regular á boa.	3	7½	3	8
De Mangabeira.	—	—	—	—
Lenções limpas, de Matto-Grosso	3	4	3	4½
Lenções inferiores e esponjosas.	2	5	3	1
Lenções limpas do Rio e Santos.	3	1	3	2½
Lenções regulares da Bahia.	2	9	3	0
Ditos em parte arenosa e morta	2	3	2	7
Maniçoba regular á boa	3	0	3	6

Caroço de Algodão, ton.:

Pernambuco, Parahyba e Ceará.	£ 5 15/	£ 6 0/
Maceió.	£ 5 15/	£ 6 0/
Maranhão.	£ 5 17/6	£ 6 2/6

Cera Carnauba, por 112 libras :

Amarella clara.	200	0	230	0
Mediana	180	0	200	0
Parda ordinaria.	175	0	175	0

Milho (brasileiro), por 100 libras:

Do cães em Liverpool (de condição sã).	4	9	4	10
--	---	---	---	----

Do *Jornal do Commercio*.


BIBLIOGRAPHIA

Sobre a mesa

Recebemos durante o mez de março proximo findo as seguintes publicações :

- Journal d'Agriculture Tropicale*, de Paris — 7º anno, ns. 67 e 68.
La Quinzaine Coloniale, de Paris — 11º anno, ns. 1, 2 e 3.
Bulletin des Séances de la Société Nationale d'Agriculture de France — N. 10, de dezembro do anno proximo findo.
Bulletin de la Société des Viticulteurs de France et d'Ampelographie—Anno 19º, n. 2.
Bulletin du Syndicat Central des Agriculteurs de France — 2ºº anno, n. 473.
La France Coloniale — 11º anno, ns. 3, 4 e 5.
Bulletin de la Société Dendrologique de France — N. 3, do 15 de fevêroiro.
La Revue Diplomatique — 30º anno, n. 8.
Bolletino Tecnico della Coltivazione dei Tabacchi, do R. Istituto Sperimentale di Scafati (Salerno). — Anno V, n. 6.
Rivista di Agricoltura, de Parma. Anno XIII, ns. 6 a 10.
Revista de Chimica Pura e Applicada — 3º anno, ns. 1 a 2.
Boletín de la Camara Agrícola de Tortosa — Anno XVI, n. 175.
L'Art del Pagés, de Barcellona — Anno XXXI, n. 833.

- Bulletin of Miscellaneous Informations*, des Royal Botanic Gardens, Kew — Appendice III, 1907.
- The International Sugar Journal* — N. 98, v. 9º.
- Agricultural News*, de Barbados — Vol. VI, ns. 123, 124 e 125.
- The Tropical Agriculturist*, de Colombo (Ceylão) — Vol. XXVIII, n. 1.
- The Agricultural Journal of the Cape of Good Hope* — Vol. XXX, n. 2.
- Monthly Bulletin of the International Bureau of the American Republics* — Vol. XXVII, n. 1.
- Experiment Station Record*, do U. S. Department of Agriculture — Vol. XVII, n. 5.
- The Live Stock Journal*, de Chicago. — Vol. 45, n. 8.
- The Louisiana Planter* — Vol. XXXVIII, ns. 6 a 9.
- India Rubber World* — V. XXXV, ns. 5 e 6.
- Experiment Station of the Agricultural College of Utah* — Boletins: 97 e 98.
- Revista Comercial Americana*, de Nova Orléans — Anno 2º, vol. II, n. 42.
- Índice para Compradores* — Anno 13, n. 115.
- Revista de la Facultad de Agronomía e Veterinaria*, da Universidad de La Plata — 2ª época, anno II, ns. 4, 5 e 6.
- Revista Vitivinícola Argentina* — Anno IV, ns. 3 e 4.
- Revista de la Sociedad Rural de Córdoba* — Anno VII, n. 145.
- Revista Argentina de Ferro carriles, Navegacion, Bancos, Seguros y Comercio* — Anno XIV, n. 327.
- Revista Mensual de la Camara Mercantil* — Anno VII, n. 76.
- Revista Ilustrada de la Zapateria* — Anno VII, n. 87.
- Boletín de la Sociedad de Fomento Fabril*, de Santiago (Chile) — Anno XXIV, n. 2.
- Boletín de la Sociedad Agrícola del Sur*, de Concepcion (Chile). — Vol. VII, n. 2.
- Anales de la Asociacion de Ganaderos* — Anno 2º, n. 19.
- Revista de la Asociacion Rural del Uruguay* — Anno XXXVI, n. 4 e 5.
- Anales del Departamento de Ganadería y Agricultura*, de Montevideo — Tomo IV, n. 12.
- Boletín Agrícola del Ministerio de Colonisacion y Agricultura*, de La Paz — Anno III, n. 16.
- El Agricultor Peruano*, de Lima (Perú) — Anno IX, ns. 165 a 169.
- Guayaquil Artístico* — Anno VII, n. 132.
- Revista del Ministerio de Obras Publicas y Fomento*, de Bogotá — Anno I, tomo I, n. 11.
- Revista Nacional de Agricultura* — Anno I, n. 18.
- Boletín de Enseñanza*, de S. José (Costa Rica) — Tomo I, n. 8.
- Boletín de la Sociedad Agrícola Mexicana* — Tomo XXXI, ns. 5 e 6.
- Jornal dos Agricultores* — Anno VII, n. 4.
- Boletim do Comité Central dos Sindicatos Agricolas dos Estados Assucareiros* — Anno II, n. 7.
- Boletim da Associação Commercial do Rio de Janeiro* — Anno IV, ns. 10, 11 e 12.
- Revista Commercial e Financeira* — Anno XIII, ns. 586 a 589.
- Boletim Hebdomadario de Estatística Demographo-Sanitaria*.
- Brazilian Review*.
- Etoile du Sud*.
- Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro*.
- O Criador Paulista* — Anno II, n. 14.
- Boletim da Agricultura*, da Secretaria de Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de S. Paulo — 8ª série, n. 1.
- Bolletino della Camera di Commercio ed Arti in S. Paulo* — Anno VI, n. 39.
- Boletim da Associação Commercial de Santos*.
- Boletim*, da Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas do Estado da Bahia — Anno V, vol. IX, n. 1.
- Chambre de Commerce Française de Rio de Janeiro* — 7º anno, n. 76.
- Revista Agrícola*, de Aracajú — Anno III, ns. 51 e 52.
- Boletim*, da União dos Sindicatos Agricolas de Pernambuco — Anno I, n. 2.
- Revista Agrícola*, de Alagoas. — Anno VI, n. 1.
- A Revista do Norte* — Anno VI, ns. 2, 3 e 4.
- Jornaes da Capital e dos Estados*. etc., etc.

Banco de la Nacion Argentina — Memoria y Balance General del Ejercicio de 1906.

Sixteenth Annual Report of the Agricultural College for the fiscal year ending June 30, 1905.

Memoria é Informe de la Comision Directora de la Sala de Comercio Once de Septiembre, apresentada á assembléa em 12 de março de 1907.

Immigracion y Colonizacion — Relatorio apresentado por: Carrasquilla H. ao Ministro de Obras Publicas y Fomento da Republica da Colombia.

CALENDARIO AGRICOLA



DO

MEZ DE ABRIL

Fazem-se no mez de abril os mesmos serviços culturaes que se fazem em fevereiro e março.

No mesmo abril acha-se o sol do lado do hemispherio norte, tendo transposto o equador a 21 de março, que é quando se dá o equinocio.

Neste mez as chuvas diminuem, a temperatura baixa, ha manhãs de fortes nevoeiros, os ventos frios do sul e sud'este começam a soprar — é a entrada do inverno para o hemispherio sul.

Nos Estados do sul e centro do Brasil (de Minas e Goyaz ao Rio Grande) ja não se roçam capoeiras, já não se semeiam mais as plantas que exigem muito calor e humidade. Todavia, nos Estados do norte e nas regiões costeiras, desde o Rio á Guyana é neste mez que plantam o milho, o arroz, o feijão, a canna, o algodão, a mandioca e os demais vegetaes proprios daquelles climas, é para elles o inicio das chuvas de inverno, que vão communmente de março a julho inclusive.

Nos Estados centraes e meridionaes semeiam em abril todas as plantas dos climas temperados e de pequeno cyclo vegetativo, como sejam : o trigo, a covada, o centeio, a aveia, a linhaça, o canhamo, as hortaliças, etc., etc.

Colhem-se em abril a canna, o algodão, o café, o cacáo, a borracha, o milho, o arroz, etc., etc. e em via de regra todos os fructos tropicaes.

Ainda se colhem algumas uvas tardias, alguns abacates, pinhas, mamões, goiabas, maçãs, pêras, marmelos, etc., etc.; mas, isto tão somente no começo do mez.

Onde o clima permite, costuma-se podar a parreira em março e abril, para haver uvas nos mezes seccos de julho a agosto.

Quando ha tempo de sobra, costuma-se começar a lavra da terra desde abril.

As derrubadas de matta virgem podem ser iniciadas desde fins de abril, porém as capoeiras só deverão ser roçadas muito mais tarde.

ESTATUTOS

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 8.º A sociedade admite as seguintes categorias de socios :

Socios effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos e associados.

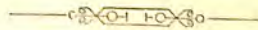
§ 1.º Serão socios effectivos todas as pessoas residentes no paiz que forem devidamente propostas e contribuirem com a joia de 15\$ e a annuidade de 20\$000.

§ 2.º Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou séde no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria, em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que possam ou queiram prestar á sociedade.

§ 3.º Serão socios honorarios e benemeritos as pessoas que, por sua dedicação e relevantes serviços, se tenham tornado benemeritos á lavoura.

§ 4.º Serão associados as corporações de character official e as associações agricolas, filiadas ou confederadas, que contribuirem com a joia de 30\$ e a annuidade de 50\$000.

§ 5.º Os socios effectivos e os associados poderão se remir nas condições que forem preceituadas no regulamento, não devendo, porém, a contribuição fixada para esse fim ser inferior a dez (10) annuidades.



REGULAMENTO

CAPITULO IV

DOS SOCIOS

Art. 18. A sociedade prestará seus serviços de preferencia aos socios e associados, quando estiverem quites com ella.

Art. 19. A joia deverá ser paga dentro dos primeiros tres mezes após a sua acceitação.

Art. 20. As annuidades poderão ser pagas por prestações semestraes.

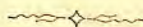
Art. 21. Os socios e os associados se poderão remir mediante o pagamento das quantias de 200\$ e 500\$, respectivamente, feito de uma só vez e independente da joia, que deverão pagar em qualquer caso.

Art. 22. Os socios e associados não poderão votar, nem poderão receber o diploma sem terem pago a respectiva joia.

§ 1.º O socio que tiver pago a joia e uma annuidade, poderá remir-se mediante a apresentação de 20 socios, desde que estes tenham igualmente satisfeito aquellas contribuições.

§ 2.º Para esse effeito o socio deverá requerer á Directoria, provando seus direitos nos termos do paragrapho anterior.

§ 3.º Serão considerados benemeritos os socios que fizerem donativos á Sociedade, a partir da quantia de um conto de réis.



SUMMARIO



	PAGE.
Informações agricolas	121
Machinismos para o fabrico da farinha de mandioca	125
Carta do Sr. Dr. Carvalho Borges Junior	131
Uma nova abelha mellifera inoffensiva	134
Pela lavoura	135
Agricultura moderna	139
Vantagens irrecusaveis dos contractos emphyteuticos	143
A agricultura	146
A requeima das batatas	150
Variedade.	152
Parte Commercial	159
Bibliographia	168
Calendario agricola	171

